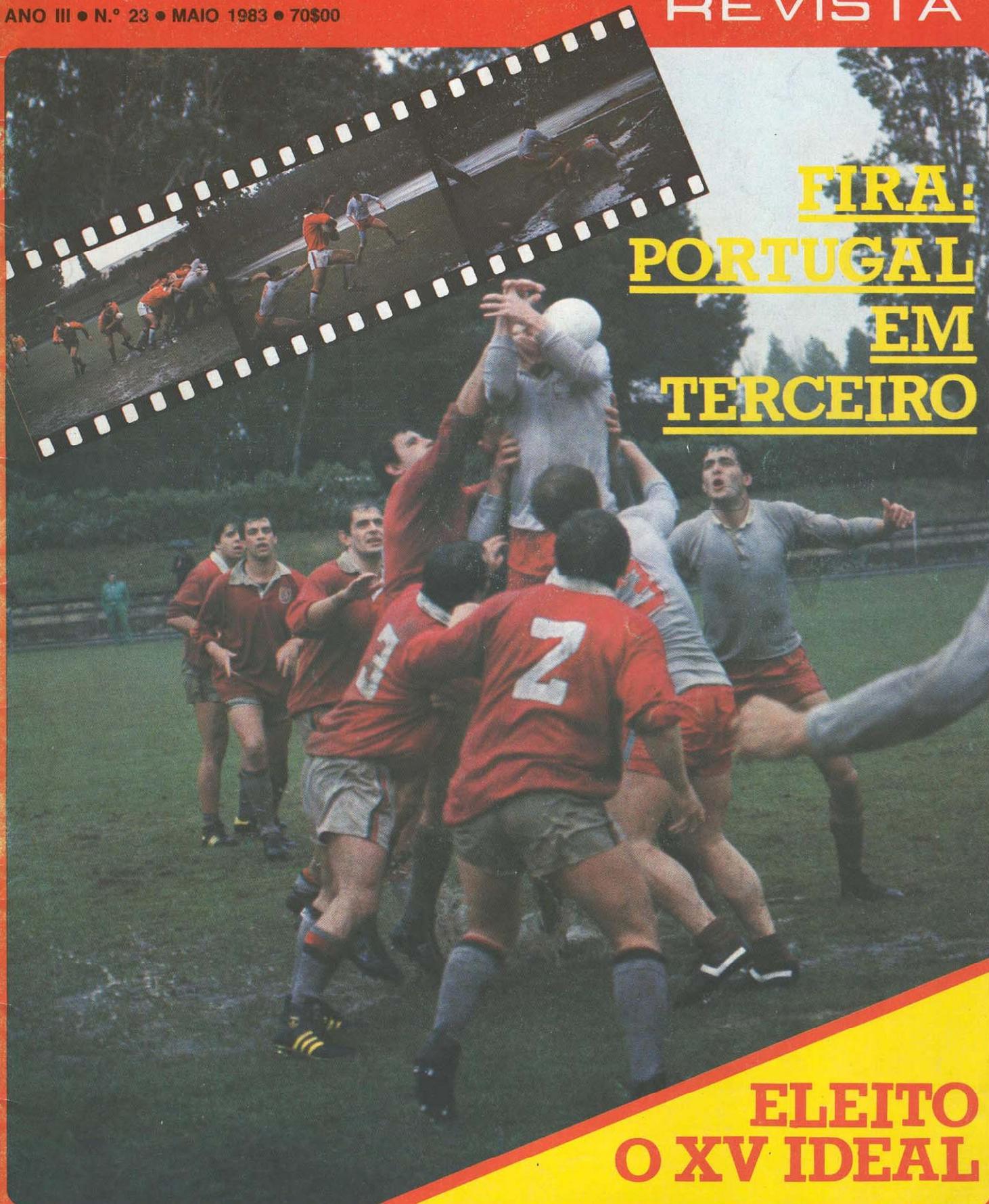


RUGBY

ANO III • N.º 23 • MAIO 1983 • 70\$00

REVISTA



FIRA:
PORTUGAL
EM
TERCEIRO

ELEITO
O XV IDEAL



DONNAY[®]
SMASHING ACTIVEWEAR

Uma selecção "clandestina"

É quase inacreditável mas é verdade: a FPR em dois meses de actividade da selecção nacional voltou, a exemplo de há dois anos, a não emitir um documento sequer, uma circular, qualquer coisa que alertasse os Órgãos de Comunicação Social para a campanha da equipa portuguesa.

Não anunciou — seria o mínimo — que os jogos se iriam disputar (nem os realizados em Lisboa, calcule-se!) e, muito menos, manteve a Imprensa ao corrente do andamento da prova.

Há nisto qualquer coisa de errado, que ultrapassa a desorganização federativa. Andam alguns a «puxar» pelo Rugby, tentando levá-lo ao grande público, em termos informativos, tentando chamar a atenção das pessoas para uma modalidade quase sempre esquecida. Enquanto isto, e por outro lado, a entidade a quem competia divulgar o Jogo, dar publicidade à campanha de uma selecção, (das poucas portuguesas que faz «coisas» internacionalmente), essa, manteve um mutismo, no mínimo estranho.

E, depois, espantam-se da pouca receptividade das entidades oficiais em relação ao Rugby. Se os que deveriam ser os primeiros interessados não se dignam tornar públicas as actividades por que são responsáveis...

De facto se a Federação não divulga uma das poucas coisas que pode divulgar, não tenta «vender» a tal imagem para o exterior, como pode esperar que o Rugby seja melhor tratado.

Por mais argumentos que se apresentem a qualquer entidade oficial é difícil convencê-la que o Rugby português já atingiu um nível em muitos aspectos superior ao de outras modalidades bem mais protegidas. Pois se essa entidade nem soube que a equipa nacional (a «montra») esteve a participar numa prova internacional.

Para vender um produto qualquer é necessária publicidade. E neste caso bastava um pouco de imaginação. Nem era necessário qualquer outro investimento. Mas como ela parece não abundar, lá deixámos passar outra oportunidade de fazer «barulho» à volta do Rugby. É que não chegam os quatro ou cinco «esforçados» que tentam (em meia dúzia de jornais) divulgar o Jogo.

Oficialmente (as circulares são os documentos oficiais privilegiados, não são?) não houve selecção nacional de seniores. A campanha deste ano foi, assim, quase «clandestina».

Não exigimos muito. É só olhar para o lado e ver como trabalham, por exemplo, os espanhóis neste aspecto.



As fotos da capa deste número referem-se ao Portugal-Polónia, jogado em condições muito difíceis. A maior respeito a um dos muito alinhamentos deste encontro e as mais pequenas, em cima, documentam três momentos do ensaio português, obtido por Pedro Ferreira



PORTE
PAGO

sumário

Ressaltos

Da Banda ao que se passa lá fora 18

SUMÁRIO

Portugal foi terceiro no FIRA

Objectivo alcançado 5
O jogo com a Suécia 7
A partida com a Polónia 9
Seleccionador considera campanha «positiva» 13

Taça chegou (finalmente) à final

Nem o jogo decisivo a pode «salvar» 15

Juvenil

Infantis e Iniciados acabam torneios em Lisboa 20

Eleito o XV Ideal

Os 15 mais do «Nacional» 82/83 22

Opinião

Vasco Pinto de Magalhães responde a J. P. Bessa . 25

Taça precisa ser «mexida»

Uma sugestão de alteração à sua orgânica 26

Os números do «Nacional»

Marcaram-se 168 ensaios em 56 jogos 27

Treino Físico

José Cordovil diz o que fazer no «defeso» 29

O Rugby em Inglaterra

Pedro Ribeiro diz como é 31

História (conclusão)

A expansão da modalidade a mais de cem países . 33

ficha

Director: João Fragoso Mendes. **Consultores** **Técnicos:** Pedro Sousa Ribeiro e Vasco Pinto de Magalhães — Cabral Fernandes (Coimbra). **Colaboradores Permanentes:** António Catarino (Porto), Eduardo Santos Costa (Coimbra), Francisco Mesquita, João Paulo Bessa, Joaquim Vasconcelos, José Cordovil, Luís Feist, Picão de Abreu, Peter Hughes. **Fotografia:** António Santos, José Maurício e João Queiró (Coimbra),

Foto-Rugby. Propriedade: J. F. Mendes. **Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.º - 1000 Lisboa. **Fotocomposição:** TEXTYPE — Artes Gráficas, Lda. - Rua da Atalaia, 18 - 1.º Esq. - 1200 Lisboa. **Fotolito, Montagem e Impressão:** GRAFI 3 — Fotolito e Artes Gráficas, Lda. Av. Melo Falcão, 30-C — 1675 Pontinha. **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição mensal.

Os textos não assinados são da exclusiva responsabilidade da Direcção de «Rugby-Revista». Os assinados somente responsabili-

zam os seus autores, não sendo as opiniões neles expressas necessariamente coincidentes com as da Direcção de «R-R».



Imagem espectacular, recolhida por António Santos (autor de todas as fotos que publicamos neste número referentes à actividade nacional) no decorrer do Portugal-Polónia

Portugal ficou no Grupo B

Segundo lugar 'fugiu' por pouco mas objectivo foi alcançado

Que podia ter sido melhor, lá isso podia (esteve por um fio a obtenção do segundo lugar), mas, apesar de tudo, Portugal conseguiu o que pretendia: permanecer no Grupo B.

E, diga-se desde já, a repetição do sucedido há um ano, não foi obra do acaso. Antes, constituiu o corolário natural de um trabalho dedicado (nem sempre compreendido e apoiado) dos jogadores e técnicos da selecção, que mereceram, indiscutivelmente o «feito».

Na realidade, sem condições, com pouquíssimos meios à sua disposição, os jogadores portugueses provaram que o seu lugar, em termos de selecção nacional é no Grupo B da FIRA. E quais as modalidades das chamadas «pequenas» — repare-se que não dizemos amadoras, que, dessas, só o rugby resta — que podem orgulhar-se de ter a sua equipa representativa num escalão intermédio do desporto europeu.

Os «protegidos» Andebol, Basquetebol e Voleibol, por exemplo, conseguiram esporádicas subidas, caindo, logo de seguida, nos escalões inferiores das respectivas competições. Só o Rugby, sem campos, sem meios, sem nada, é que se vai mantendo, dignamente, sem favores nem «bamburrios» de qualquer espécie, em posição de destaque:

E aqui voltamos ao mesmo. Isto é, a única explicação para este caso «sui-generis» do Desporto português reside na grande qualidade dos jogadores, na dedicação ao seu jogo, no bom nível já alcançado pela modalidade, tendo em conta as condicionantes conhecidas.

E, diga-se, no jogo «capital», contra a Polónia, se a equipa nacional tem tido um pouco mais de discernimento, os habituais detractores da modalidade estariam a es-



Na sequência desta jogada, Moita vai marcar contra a Suécia. Na foto, Ressano Garcia (uma estreia auspiciosa na selecção senior) já fixou e executa o passe



octogono

**MOBILIÁRIO
COZINHAS**

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927



Marques Pinto, apoiado por Moita e Ressano Garcia só vai ser parado uns metros mais à frente, junto à área sueca

tas horas em situação difícil. De facto, não seria fácil explicar como é que o rugby português tinha a sua selecção no segundo lugar do Grupo B e com os mesmos pontos do vencedor. Porque Portugal, nessa partida «teve na mão» a vitória, deixando-a fugir só porque lhe faltam jogos e experiência, e a lucidez que daí advém.

Tivessem aqueles jogadores — não distinguimos ninguém do todo que foi a selecção nesta campanha, porque tal seria tremendamente injusto — os meios postos à disposição dos espanhóis, por exemplo, as coisas ter-se-iam passado de forma ainda mais positiva.

Acresce que (a provar que no nosso país existe matéria-prima de boa qualidade) este ano o «quinze» nacional sofreu profunda remodelação, remodelação essa, aliás, que surgiu na sequência da verificada também no ano anterior, apresentan-

do-se com um punhado de jovens, garantidos de um certo optimismo quanto ao futuro.

Repare-se, porque isso é muito importante, que por exemplo da equipa que, em Maio de 1981 (foi só há dois anos!), garantiu, em Trelleborg, a subida ao Grupo B, apenas quatro jogadores — Filipe, Bernardo, Megre e Moita — actuaram no recente jogo com a Suécia. Em dois anos mudar 11 elementos, numa selecção nacional, significa uma riqueza de valores de quem nem os mais metidos no «meio» se apercebem. E, se juntarmos que de um modo geral os substitutos desses, que marcaram tão positivamente o «regresso» de Portugal ao seu lugar no rugby europeu, são jovens com menos de 24 anos (em média) temos de regressar ao tal ponto em que nunca será demasiado «bater»: se lhe fossem dados meios até onde poderia chegar o rugby português?

Também nos parece que nunca será demasiado insistir na necessidade de «consolidar o já conseguido». Isto é, há que investir nos mais jovens, há que fortalecer o que existe de modo a garantir a evolução em base sólidas. É utópico, neste momento, pensar em voltar-se à fase das grandes movimentações, da massificação. Mais que a quantidade interessa a qualidade.

É claro que não se advoga pôr de parte o alargamento do jogo. Há é que, antes, consolidar o que existe. Desenvolver os pontos onde o rugby português é mais forte. Mais do que pensar em levá-lo a locais onde a sua sobrevivência é problemática, interessa olhar para o lado e investir naquilo que temos. E se há matéria para trabalhar!

Mas, voltando à selecção — uma «montra» que há que manter custe o que custar — começámos por afirmar que podia ter sido melhor, e que, se se tem ganho à Polónia, o segundo lugar seria português. Não se ganhou (e esteve por pouco) mas isso não deslustra de forma alguma uma campanha bem positiva.

Ganhou-se à Suécia (apesar da exibição ter sido, talvez, a pior realizada por Portugal nos últimos dois anos) e triunfou-se de novo na Holanda.

Quanto à Espanha, a equipa produziu um bom jogo, excedendo todas as expectativas. E temos para nós que se esta partida tem vindo mais tarde o resultado teria sido outro. Não se pode afirmar que Portugal ganharia, mas que a diferença teria sido bem menor, disso não temos dúvidas.

Pode dizer-se, em jeito de conclusão, que Portugal mereceu indiscutivelmente ficar onde ficou e até ir um pouco mais além. Não merecia, por tudo o que fez antes, pode afirmar-se, era ter de decidir a sua permanência na partida com a Suécia. Contingências do calendário e das vicissitudes do próprio desporto. JFM.

Polónia sobe Suécia desce

Disputados os dez jogos da edição 82/83 do Grupo B, a Polónia garantiu a subida ao escalão principal (troca com a Alemanha Federal) e a Suécia regressa ao C (sobe a Checoslováquia).

Os resultados e a classificação final foram os seguintes:

Polónia, 6 — Holanda, 13
 Polónia, 54 — Suécia, 6
 Suécia, 9 — Holanda, 17
 Holanda, 3 — Espanha, 32
 Espanha, 25 — Portugal, 4
 Holanda, 6 — Portugal, 13
 Espanha, 7 — Polónia, 16
 Suécia, 3 — Espanha, 19
 Portugal, 17 — Suécia, 9

	J	V	E	D	M-S	P
Polónia	4	3	—	1	82-30	10
Espanha	4	3	—	1	83-26	10
Portugal	4	2	—	2	38-53	8
Holanda	4	2	—	2	39-60	8
Suécia	4	—	—	4	27-107	4



Pedro Ferreira (outra estreia muito positiva este ano) em dificuldades para captar uma bola contra a Polónia, jogo em que rubricou excelente actuação



octogono

MOBILIÁRIO COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

Suécia batida (17-9) após fraca exibição

Lá dominar, dominou-se mas quanto ao resto...

Portugal não teve a mínima das dificuldades em bater a Suécia, indiscutivelmente o adversário mais fraco do Grupo. O «quinze» nacional dominou praticamente todo o tempo, raramente permitindo aos nórdicos pôr o «pé em ramo verde». No entanto, esse domínio não significou que os portugueses tenham «controlado» o jogo.

Não basta, de facto, exercer pressão, tirar bolas atrás de bolas das diversas situações estáticas. Há que, a partir daí — a base do edifício — construir tudo o resto. E isso não aconteceu.

Extremamente nervosos, muito preocupados com o jogo duro (ou violento?) da primeira linha sueca, os avançados transmitiram aos seus companheiros uma intranquilidade que, sinceramente, perante aquele adversário não havia que ter. As bolas ganhavam-se e «morriam» logo a seguir, ou porque eram transmitidas ao formação em deficientíssimas condições, ou porque este, muito intranquilo, não acertava na ligação com o abertura.

Acresce que as que «passavam» encontraram normalmente os centros pessimamente colocados, tendo acontecido por vezes «embrulharem-se um com o outro, como verdadeiros principiantes.

Há a desculpa de se tratar de uma espécie de final, uma partida que decidia toda uma campanha. Mas daí, repete-se,



Faustino inicia mais um ataque português, apoiado por António Leitão, Quim Pereira e Filipe

contra um adversário francamente mais fraco, a entrar no tom atabalhoado, pouco esclarecido em que a partida decorreu vai uma distância grande. Portugal tinha a obrigação de fazer muito mais do que fez. E o próprio resultado, tendo em conta a diferença de categoria entre os dois «quizes», e o domínio exercido pelos portugueses, ficou muito aquém do que seria possível.

Fruto da intranquilidade da equipa, da tarde verdadeiramente desinspirada do

«quinze» nacional, os chutadores desperdiçaram infantilmente uma meia dúzia de oportunidades no primeiro tempo, e falharam-se dois ensaios feitos, que a concretizarem-se teriam, por certo, posto uma certa ordem naquilo tudo.

Como não aconteceu, embora melhor, a segunda metade da partida decorreu aos «sobressaltos», com a equipa nacional sem soluções, sem vivacidade, sem imaginação, pouco à-vontade.

Dir-se-á que interessava ganhar e ganhou-se. Que mais do que jogar bonito interessavam os três pontos. É verdade, mas há que reconhecer que perante aquele adversário a equipa tinha a obrigação de produzir muito mais.

Sem o jogo controlado (só por culpa própria, que os suecos nem estragar sabiam), a bola emperrava, não andava, ou se o fazia, isso acontecia de tal forma que não adiantava nada.

Esta partida assemelhou-se bastante à disputada por Portugal há um ano contra a Tunísia. Só que desta feita o nível atingido ainda foi mais baixo. Como então, teve-se o jogo na mão — agora ainda mais — e disso não se conseguiu tirar partido. É certo que há tardes e tardes, e os próprios jogadores sentiram perfeitamente a desastrosa exibição que estavam a fazer, mas podia-se, apesar das bolas não virem em condições ideais, ter tentado usar mais as mãos e menos os pés. Sempre que tal aconteceu os suecos entraram em pânico e Portugal criava imediatamente perigo.

Daí não perceber-se a razão porque o jogo não foi mais alargado, pese embora as condicionantes já referidas.



Megre lança as linhas atrasadas. Pena que tivesse acontecido pouco, e os três quartos estivessem tão desinspirados



octogono

MOBILIÁRIO
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

Três ensaios foi pouco

Jogo no Estádio Universitário de Lisboa perante cerca de mil e quinhentos espectadores. Terreno em razoável estado. Temperatura amena, com sol (apesar de alguns chuveiros a meio do jogo). Boa arbitragem do espanhol Evélio Salazar.

PORTUGAL — Quim Pereira (CDUL), Gil Gonçalves (Académica) e António Leitão (Direito); Faustino (CR Loulé) e Filipe (Direito) (cap.); Pedro Ferreira (Direito), Bernardo (CDUL) e Rui Gao (Benfica); J. Marques Pinto (CDUL) e Domingos Megre (CDUL); Luís Reis (Belenenses), Vieira Almeida (Belenenses), Sérgio Franco (Académica) e C. Moita (CDUL); Ressano Garcia (S. Miguel).

Marcaram: Domingos Megre (3.2); Moita (4), P. Ferreira (4) e Bernardo (4).

SUÉCIA — Nordgren, Hanson e Petterson; Andersson e Skok; Lundgren, Tapper e Olsson; Ásp e Soderberg; Lundstron, Arvidsson, Gronlund e Loustedt; Carruthers.

Marcou: Carruthers (3.3.3)

Resultado final: 17-9; ao intervalo: 7-3.



3-0

3 minutos — Falta sueca no alinhamento. Penalidade assinalada nos 15 metros, sensivelmente sobre a linha de 10 metros, descaído para a esquerda, que MEGRE converteu.

3-3

4 minutos — No reatamento, Faustino, com um adiantado voluntário, na recepção do pontapé de centro, provoca falta, junto à «touche», sobre os 10 metros, que CARRUTHERS aproveitou para igualar.

7-3

28 minutos — Na sequência de uma «touche» a bola foi mal aberta, o que não impediu ter sido recuperada, percorreu os três quartos, Ressano Garcia (intercalado) fixou bastante bem, deu a MOITA que voltou a fixar, fez o «deborde» e marcou na ponta. Gil falhou a transformação.

11-3

53 minutos — Pontapé de penalidade contra a Suécia dentro dos seus 22 metros. Jogada à mão, com combinação

minutos. Os 20 a 25 pontos desperdiçados nesse período dariam outra tranquilidade e permitiriam, por certo, a Portugal embalar para uma exibição mais condizente com a sua actual capacidade.

A produzida neste jogo foi uma má caricatura daquilo que a equipa pode e deve fazer.

Quanto aos suecos, pareceram agora pior que há dois anos. A sua diferença pa-

Alinhamentos

PORTUGAL — 27 (17 + 10) — 6 de introdução adversária

SUÉCIA — 24 (8 + 16) — 3 de introdução adversária

Formações

PORTUGAL — 12 (6 + 6) — 2 de introdução adversária

SUÉCIA — 10 (5 + 5)

Reagrupamentos (Maul e Ruck)

PORTUGAL — 10 (6 + 4)

SUÉCIA — 18 (7 + 11)

dos avançados, de que resultou a abertura para o lado fechado, após fixação. PEDRO FERREIRA marcou na ponta. Megre falhou a transformação.

17-3

64 minutos — Jogada das linhas atrasadas portuguesas parada na ponta. A bola, no entanto, «sobrou» para BERNARDO que seguiu na dobra. Após excelente «sprint» (!) bateu toda a defesa contrária — correu todos os 22 metros — acabando por marcar sobre a direita do ataque português. MEGRE converteu.

17-6

77 minutos — Falta no reagrupamento (fora de jogo), nos 10 metros, em posição frontal, que CARRUTHERS transformou.

17-9

80 minutos — Falta na introdução numa formação, transformada em penalidade pelo árbitro por «bocas» dos jogadores portugueses. Em posição frontal, nos 22 metros, CARRUTHERS não teve dificuldades em converter, fixando o resultado final.

ra os portugueses não é de forma alguma de apenas oito pontos. Bem constituídos atleticamente salvo uma ou outra excepção (o defesa, por exemplo), mostram-se tecnicamente em nível muito fraco, sem «andamento» para o Grupo B.

O árbitro, finalmente, rubricou bom trabalho. Um único senão, que foi o de aplicar a vantagem, em algumas situações de forma muito discutível. — JFM

A classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	P
Roménia	5	5	—	—	15
URSS	5	4	—	1	13
França	5	2	1	2	10
Itália	5	2	1	2	10
Marrocos	5	1	—	4	7
RFA	5	—	—	5	5

Roménia ganhou Grupo A

A Roménia, ao bater a URSS, em Nev (Ucrânia), por 15-10, ganhou o Grupo A do Campeonato da FIRA, no último jogo do torneio. Na cauda da tabela, o Marrocos, por seu turno, vencendo a RFA em Hanover, por 16-3, garantiu a sua permanência no escalão principal, relegando os alemães para o Grupo B na próxima temporada.



octogono

MOBILIÁRIO COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927



A imagem fala por si! Foi sobre um terreno neste estado que Portugal e Polónia mediram forças. Benefícios? Cremos que para ninguém

Portugal perdeu excelente oportunidade de bater a Polónia

Erros tácticos na origem de uma derrota evitável

PEDRO SOUSA RIBEIRO

Portugal perdeu, este ano, uma excelente oportunidade de bater a Polónia. Em tarde de tempestade, com o campo completamente alagado, sob chuva constante, a equipa portuguesa bateu-se de igual para igual com uns polacos que, apesar da sua superior capacidade física nunca se conseguiram impôr.

A superior técnica individual e colectiva demonstrada pelos portugueses, deve desde já dizer-se, esteve na origem dessa incapacidade dos visitantes. Dominassem estes as técnicas da percussão e do «ruck» e, no final, a diferença pontual seria, por certo, bem mais acentuada.

De facto, tendo em conta o maior peso do «pack» da Polónia se ele tivesse sabido tirar partido da enorme diferença (nesse



Os avançados foram os grandes sacrificados nesta partida. Na imagem, a bola escapa-se aos dois médios, após mais uma formação



octogono

**MOBILIÁRIO
COZINHAS**

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927 9

TEBE SPORT

O EQUIPAMENTO
DOS CAMPEÕES



aspecto) para o português e do estado do terreno que aconselhava a utilização do «ruck», as coisas teriam sido bastante difíceis para o «quinze» nacional.

Mas os polacos mostraram uma surpreendente incapacidade a «bater», e preferiram utilizar o «maul» que, com o seu estatismo, permitiu (apesar de o dominarem) que a partir daí nada de muito difícil acontecesse para a defesa portuguesa.

O bloco de avançados português soube defender de maneira inteligente nessas situações. Não integrando alguns jogadores no «maul» — os polacos eram perfeitamente estáticos, não fixando os adversários — Portugal preferiu, e bem, defender as zonas periféricas ao «maul», reconquistando, aí, ou impedindo a progressão das bolas antes ganhas pela Polónia.

Acrescente-se que também no manuseamento da bola os jogadores portugueses mostraram superioridade, sendo aliás em muito menor percentagem os adiantados que provocaram.

INCAPACIDADE TÁCTICA DE PORTUGAL

Mas porquê então se perdeu este jogo, se sob o ponto de vista técnico se foi superior ao adversário e se se conseguiu anular os pontos em que ele era mais forte?

Para além da inferioridade física, outro facto pesou decisivamente na derrota do «quinze» nacional: a sua incapacidade de ordem táctica.

Efectivamente, Portugal não adoptou o sistema de jogo que se apropriava às condições do terreno e do adversário: tentar conquistar a bola nas melhores condições possíveis, pô-la nas mãos de um jogador livre e pontapéá-la para o campo do adversário, preferencialmente para trás da avançada contrária.



Sérgio (uma estreia esta época na selecção) rubricou uma boa actuação contra a Polónia, principalmente no aspecto defensivo

Como isso não foi feito (nem com precisão, nem com consistência) passou-se ao lado de uma excelente oportunidade de vencer um adversário que estava ao alcance de Portugal. E se tal tem sido feito estar-se-ia também a satisfazer um princípio básico do jogo de rugby: utilizar os nossos pontos fortes e pressionar o adversário nos seus pontos fracos.

E os pontos fracos dos polacos eram, nitidamente, o defesa e o ponta esquerda, principalmente estes, que estiveram sempre em dificuldades quando forçados a receber bolas vindas do ar.

FASE CRUCIAL NO INÍCIO DA SEGUNDA PARTE

A equipa portuguesa diga-se começou

bem, pressionando razoavelmente e tentando pôr o jogo no meio campo contrário. Obteve assim um excelente ensaio, na sequência de uma saída da terceira linha, concluída sobre a bandeirola.

Registe-se, aqui, a honestidade do juiz de linha polaco que numa situação duvidosa não teve qualquer hesitação ao confirmar que Pedro Ferreira havia feito o toque antes do derrube da bandeirola de canto. Se assim não fosse o árbitro teria tido grandes dificuldades em avaliar a situação correctamente, pois estava longe da jogada e mal colocado.

A fase crucial do encontro foi, pode dizer-se, o início (os primeiros 25 minutos) do segundo tempo. Foi neste período que



Tudo a olhar para o ar! E deveria ter sido mais vezes, pois se tal tem acontecido o desfecho da partida poderia ter sido diferente



octogono

MOBILIÁRIO
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

◀ a incapacidade tática da equipa mais se manifestou.

Não se controlou a bola convenientemente e optou-se, em muitas situações, por jogar à mão, quando as condições do terreno e a pressão defensiva dos polacos isso desaconselhava.

Acresce que a avançada, apesar de se bater estoicamente não conseguia fornecer bolas em boas condições ao formação. Este com dificuldades em controlá-la, principalmente quando se encontrava no chão, revelou-se inseguro e não usou o pé com a frequência que se justificava.

Optando-se por movimentar a bola à mão, não se ultrapassava a linha de vantagem, disso tirando vantagem a Polónia, que, aos poucos, foi submetendo o «quinze» nacional a forte pressão. E dessa pressão acabou por resultar uma falta por fora de jogo (perfeitamente escusada, adiante-se) numa formação que proporcionou aos polacos a obtenção dos três pontos que garantiram a vitória.

NO FINAL ERA MUITO TARDE

Só após se encontrar em posição desfavorável no marcador a equipa portuguesa conseguiu voltar ao meio campo adversário e, nessa fase final do jogo, adoptando um princípio tático correcto pressionou o seu adversário, obrigando-o a defender a escassa vantagem de que dispunha. Só que era tarde e a oportunidade de marcar não surgiu.

Numa breve apreciação às duas equipas há que reconhecer aos polacos um grande poder físico e conhecimentos muito limitados. Só dois jogadores se mostraram acima da média: o segunda linha Kasinski, o verdadeiro «motor» do conjunto de avançados; e o médio de abertura, que soube controlar bastante bem o jogo fornecido pelo «pack».

Por banda de Portugal, a equipa bateu-se com grande determinação, defendeu em excelente plano, pressionando em todo o terreno (e nestes pontos todos são

credores de elogios), mas faltou-lhe a maturidade necessária para escolher o melhor modo de jogar, perante as condições do terreno e do adversário.

Numa partida de rugby em que o modo de actuar do opositor é uma incógnita, o conhecimento do jogo do «capitão» é essencial para determinação do sistema a adoptar. E também a capacidade da sua equipa para, como um todo, seguir essa orientação.

E a liderança faltou ao «quinze» português.

Nunca é demais insistir que na formação de uma selecção, primeiro se escolhe um «capitão» e que a equipa se constrói, depois, em torno dele. Não se parte da escolha de 15 jogadores e depois se olha à volta e decide quem é o capitão — o exemplo recente dos «Lions» e referência próxima: Fitzgerald não é, certamente, o melhor talonador das Ilhas Britânicas, mas é seguramente o melhor «capitão» e daí a sua escolha para liderar a equipa agora em digressão na Nova Zelândia... ●

Dois pontapés ditaram vencedor

Jogo no Estádio Universitário de Lisboa, perante cerca de mil espectadores. Chuva intensíssima, frio e vento, terreno completamente alagado, muito pesado e difícil.

Arbitragem, em bom nível, do francês Christian Inchauspé.

Substituição no «quinze» português: Augusto Jalles (CDUL) entrou a meio da segunda parte para o lugar de Sérgio, por lesão deste.

PORTUGAL — Quim Pereira (CDUL), Gil Gonçalves (Académica) e António Leitão (Direito); Filipe (Direito) (cap.) e Faustino (CR Loulé); António Ferreira (Direito), Bernardo (CDUL) e Pedro Ferreira (Direito); J. Marques Pinto (CDUL) e D. Megre (CDUL); Luís Reis (Belenenses), Sérgio (Académica), Vieira Almeida (Belenenses) e C. Moita (CDUL); Ressano Garcia (S. Miguel).

Marcou: Pedro Ferreira (4).

POLÓNIA — Klawczuk (cap.), Jumas e Piasek; Kasinski e Justynski; Woronko, Baraniecki e Kaluzny; Kicinski e Malarczyk; Mankowski, Milart, Matczak e Jadach; Ciesielski.

Marcou: Kicinski (3.3).

Resultado final: 4-6; ao intervalo: 4-3.

0-3

3 minutos — Fora-de-jogo português numa formação ordenada, dentro dos 22 metros, em posição frontal. KICINSKI, chamado a cobrar a falta, converteu-a nos primeiros três pontos.

4-3

16 minutos — «Melée» ganha por Portugal, dentro da área polaca, sobre o lado direito; saída da terceira linha, concluída, na ponta, por PEDRO FERREIRA, que entrou em força na área. Megre falhou a transformação.

4-6

64 minutos — Numa formação ordenada a cinco metros, de introdução polaca, António Ferreira provocou uma penalidade desnecessária, em posição frontal. KICINSKI não perdoou, fixando o resultado final.

Alinhamentos

PORTUGAL — 26 (12 + 14) — 7 de introdução adversária

POLÓNIA — 28 (17 + 11) — 9 de introdução adversária

Formações

PORTUGAL — 21 (8 + 13) — 1 de introdução adversária

POLÓNIA — 25 (13 + 12) — 4 de introdução adversária

Reagrupamentos (Maul e Ruck)

PORTUGAL — 6 (3 + 3)

POLÓNIA — 22 (12 + 10)

Ainda o jogo de Madrid

Por lapso na montagem, no último número de «R-R», no local onde deveria ter-se publicado a estatística referente ao Portugal-Espanha, surgiu a do jogo com a Holanda que saiu, assim, em duplicado.

Embora um tanto deslocado no tempo aqui ficam os números da partida de Madrid, com os nossos pedidos de desculpa.

Alinhamentos

PORTUGAL — 29 (16 + 13) — 9 de introdução adversária

ESPAÑA — 19 (9 + 10) — 7 de introdução adversária

Formações

PORTUGAL — 21 (10 + 11) — 3 de introdução adversária

ESPAÑA — 12 (5 + 7)

Reagrupamentos (Maul e Ruck)

PORTUGAL — 10 (6 + 4)

ESPAÑA — 11 (4 + 7)



octogono

MOBILIÁRIO
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

João Paulo Bessa:

Jogadores na base da boa campanha

«Os resultados que obtivemos são, mais uma vez, prova de que temos matéria-prima com qualidade suficiente» disse à «R-R», João Paulo Bessa, o seleccionador nacional, pouco depois de terminado o Portugal-Suécia.

«Considero a participação portuguesa no torneio bastante positiva, não só em termos de resultados como também no envolvimento dos jogadores num trabalho, muito dilatado no tempo», acrescentou o seleccionador, sublinhando que se pediu aos atletas um esforço muito grande que «não é legítimo exigir-lhes todos os anos».

«É preciso, a partir de agora, começar a pensar de maneira mais objectiva em participações internacionais, isto é, torna-se necessária a reorganização e consolidação do rugby português, aumentando-lhe a competitividade, a nível interno, obrigando, a um maior trabalho nos clubes. Em suma, torna-se urgente a criação de uma estrutura que nos permita encarar naturalmente um jogo internacional — que ele



João Paulo Bessa (com a colaboração do Vasco Lynce e António Duque) foi o responsável pela equipa nacional

não seja um bicho de sete cabeças», frisou João Paulo Bessa.

«Penso que ainda temos um pé no estribo», acrescentou, «mas se não olharmos com uma boa dose de rigor para o rugby nacional, arriscamo-nos a deixar partir o comboio».

«Penso ser uma grande falta de respeito pelos jogadores continuar a exigir-lhes trabalhar nestas condições e julgo ser chegada a hora das entidades responsáveis pelo Desporto Nacional olharem para o rugby de outra forma. Que diabo, já é o terceiro ano que estamos no Grupo B da FIRA!»

«CAPITÃO» FILIPE: UM ESFORÇO TREMEMDO

Para o «capitão» Filipe, a campanha foi também positiva, embora «muito desgastante».

«A actividade da selecção exigiu de nós um esforço tremendo, pois obrigou-nos a

estar em forma de Janeiro até ao final de Maio, o que é difícil, principalmente com as condições que temos à nossa disposição», disse.

Sobre as suas novas funções, adiantou não ter tido dificuldades «pois ser capitão de uma equipa jovem é mais simples».

«O jogo com a Holanda foi o melhor que fizemos este ano», sublinhou, acrescentando que frente à Suécia, sendo como era «uma final» as coisas não correram tão bem como seria de esperar. Falta de concentração, muitos nervos impediram que, ao resultado se juntasse a exibição.

«Mais do que o bonito, tínhamos de ser eficazes. E nesse aspecto resultou, pois triunfámos e ficámos onde queríamos, mas se as coisas têm saído melhor na primeira parte (dois ensaios feitos falhados e meia dúzia de pontapés) tal dar-nos-ia a tranquilidade necessária para podermos chegar à exibição que todos queríamos», afirmou. ●



Imagem elucidativa das condições em que se disputou o Portugal-Polónia, com Pedro Ferreira a servir Marques Pinto



octogono

**MOBILIÁRIO
COZINHAS**

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927 13

Fortelast[®] 7



A LIGADURA ELÁSTICA

Leve
Resistente
Recuperável



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Nem a final pode salvar esta «maltratada» Taça

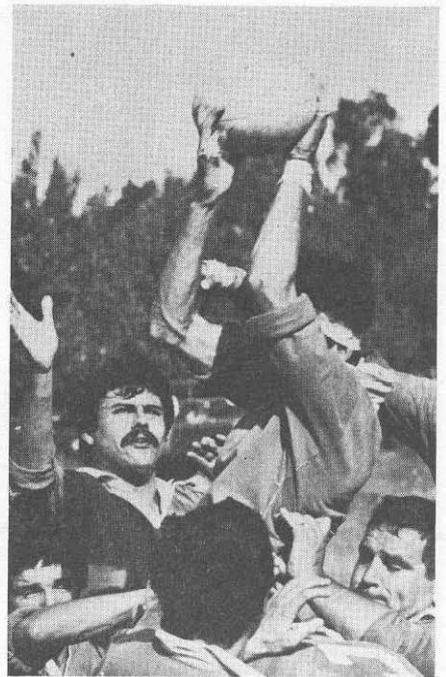
A muito «maltratada» edição de 1983 da Taça de Portugal em seniores vai chegar ao seu termo, precisamente no dia em que este número de «Rugby-Revista» é posto à venda. Frente a frente, no jogo decisivo, estão o Benfica e o Direito, equipas com tradições na prova.

Os «encarnados» que, agora, se poderão redimir publicamente do desaire sofrido no «Nacional» não têm sido felizes nas suas últimas presenças na final (derrotados em 77 e 79) apresentando, no entanto, um «palmarés» valioso (sete triunfos) desde que a Taça se disputa.

Direito, por seu turno só em 76 se estreou a ganhar esta competição, tendo repetido as vitórias em 81 e 82. Esta será, portanto, a sua terceira presença consecutiva no encontro decisivo, com possibilidades, naturalmente, de conseguir o «tri».

Deve referir-se, antes de mais, que o significado de uma vitória numa competição que decorreu como esta é bastante reduzido. Sem interesse de qualquer espécie, sem um mínimo de competição, desmotivante e desmotivadora, aos «soluções», a segunda prova do calendário português chega ao seu termo de maneira desluzida.

E diga-se nem se acredita que a final possa constituir ponto alto, pois a actividade tem sido tão pouco (para não dizermos nula) que muito dificilmente os dois «quin-



Jogada de «touche» no Benfica-Dramático, com vantagem do saltador visitante

zes» finalistas poderão fazer mais do que bater-se pelo troféu com dignidade.

Quanto ao rugby que será praticado, temos sérias dúvidas que chegue sequer a um nível sofrível. Pode ser que nos enganemos, mas a final não deverá fugir muito ao tom que caracterizou toda a prova.

Daí a afirmação inicial de que o Benfica poderá redimir-se publicamente do desaire da descida de divisão. Para consumo externo, isto é, para o grande público um seu eventual triunfo constituirá, até certo ponto, o apagar uma «nódoa» difícil de «digerir» por uma massa associativa ávida de títulos e feitos das suas equipas representativas.

Mas para o meio rugbístico, embora o título em disputa seja importante, o significado (pelo que atrás ficou exposto) de uma vitória nesta prova, disputada nos moldes e da maneira como decorreu, não adianta nem atrasa.

Realce-se, no entanto, que se alguém merece vencer esta competição, esse alguém é, indiscutivelmente, o Benfica.

De facto, os «encarnados» para chegarem à final não beneficiaram de qualquer falta de comparência do adversário, coisa em que esta Taça foi fértil.



Sem ter sido brilhante, o Benfica «vingou-se» na Taça das duas derrotas contra o Cascais, no Nacional

Atenção

RUGBY

REVISTA

A partir de Maio assinatura tem novo preço

A partir de 1 de Maio, assinar «Rugby-Revista» passou a ser mais caro. De facto, com o aumento do preço de capa subiu, também, o custo da assinatura — de 450\$00 para 600\$00 por dez números.

A partir daquela data as renovações naturalmente, far-se-ão, pelo novo preço.



Dos dois finalistas da Taça, o Benfica foi o que teve carreira mais difícil. Na imagem, Mesquita tenta bater a defesa do Cascais

Vantagem «encarnada» em número de vitórias

O Benfica tem no seu activo sete Taças de Portugal, contra três do Direito.

Os «encarnados» venceram a prova em 1961, 65, 66, 70, 71, 72 e 75, e os «advogados» alcançaram os seus três triunfos em 76, 81 e 82.

«advogados» alcançaram os seus três triunfos em 76, 81 e 82.

Nos últimos oito anos os vencedores e os finalistas vencidos foram os seguintes:

1975 — Benfica, 30 - E. Amadora, 0

1976 — Direito, 16 - Académica, 8

1977 — CDUL, 17 - Benfica, 9

1978 — Agronomia, 10 - Belenenses, 9

1979 — CDUL, 9 - Benfica, 7

1980 — Académica, 23 - CDUL B, 6

1981 — Direito, 7 — CDUP, 0

1982 — Direito, 16 - Belenenses, 13

Começaram por bater o CR Loulé, no Algarve, por 25-4; empataram a seguir (3-3) com o Direito B, na Luz, passando por terem marcado um «drop»; nos quartos de final foram a Coimbra empatar de novo (9-9) com a Académica, valendo-lhes terem marcado um ensaio; e, nas meias finais, «vingaram-se» do Cascais, batendo-o por 23-0.

Enquanto isto o Direito — que diga-se não tem culpa nenhuma das faltas dos

seus adversários — disputou apenas duas partidas para chegar até à discussão do título: começou por bater o Arcos de Valdevez (26-9) em Lisboa; ganhou a seguir ao CR Barreiro por falta deste; foi depois ganhar ao Porto, ao CDUP (8-4); e nas meias finais (calcule-se onde o desinteresse por esta prova chegou!) voltou a beneficiar da ausência do adversário, dessa feita o CDUP B.

octogono
Av. Visconde Valmor, 2 - Tel. 77 69 27

Primeiro, é a POSSE da bola
o saber conduzi-la, agarrá-la
levá-la firme em tuas mãos, acariciá-la,
sentindo-a com todo o teu corpo
como fazendo parte de ti próprio.
Depois, é o saber como dá-la,
sem a perder
com rapidez e suavidade,
serenidade,
como se fosse uma ave
ao lado da qual,
também tu podes voar.
Saber como a PASSAR
buscando o teu exacto lugar,
a melhor POSIÇÃO,
sabendo que ela busca a tua mão . . .
Tentar ganhar,
com toda a tua inteligência, imaginação
e com teus nervos de aço,
mais terreno, mais espaço
até ao êxito final.
Saber de novo recebê-la,
correr com ela
e, sem qualquer sinal,
sem te traíres,
fintar, furar,
tudo isto na melhor PASSADA,
a mais adequada:
Se, à frente, o terreno está livre,
então, sê um «raio»,
mas, se houver obstáculos,
terás que ser mais rápido a pensar,
decidindo, num instante,
a forma de melhor os tornejar e enganar,
passar adiante . . .
Se não podes fazer só,
lembra-te que tens,
ao lado e atrás de ti,
quem te ajude e compreenda.
É esta a MAGIA do RUGBY:
Tudo pensado e feito
buscando a perfeição
numa grande alegria e humildade,
com determinação;
com harmonia e com virilidade,
eficiência, elegância,
num gesto simples e perfeito.

A magia do Rugby

Mas, uma vez o encanto desfeito,
perdida a bola,
agora nas mãos do adversário
saber lutar por ela,
sem seres um bruto cego ou um «corsário» . . .
Saberes então, sobretudo PLACAR
num voo preciso e inteiro,
voando como a própria bola,
sem nada recear:
Melhor do que tu a soubeste lançar,
foi Deus que agora te lançou
para de novo a conquistar.
Assim, só assim, praticarás,
podes acreditar,
o Desporto mais belo, mais completo,
mais próximo da vida,
da sua dureza natural
mas por ti dominada
da sua plenitude espiritual,
por ti, na luta leal,
reconquistada.
O Desporto que melhor consegue aliar
a vida e o sonho,
a força, a inteligência e a beleza,
a generosidade e a nobreza,
o prazer e a dor,
a virilidade, o estoicismo,
em suma, o valor
sem violência nem exibicionismo
com amizade, companheirismo, amor . . .
Lembra-te disto:
No chão, na lama,
o Sol tem mais calor,
tem outra chama!

Roberto Ferreira Durão

Desportista eclético, **ROBERTO FERREIRA DURÃO**, coronel de Cavalaria «comando», nasceu em Évora em 1932, e representou o rugby do CDUL no início dos anos 50.

Ex-aluno do Colégio Militar, para lá do Rugby representou o «Universitário» em Atletismo e Esgrima, tendo sido internacional naquela primeira modalidade por duas vezes, no salto à vara.

assine

RUGBY
REVISTA

RUGBY
REVISTA

Desejo assinar «RUGBY — REVISTA» por 10 números,
pelo que envio a quantia de 600\$00 em Cheque/Vale Postal
n.º
NOME
MORADA
(não se esqueça de indicar o Código Postal)



Se não quiser estragar a sua revista envie-nos uma fotocópia ou, então, reproduza os elementos constantes no cupão.



CDUP em Santiago de Compostela

O CDUP, com uma vitória e uma derrota, classificou-se em segundo lugar num torneio triangular disputado em Santiago de Compostela, em meados de Maio.

Os portistas bateram o Leon por 56-0, e perderam, depois, com a equipa de Medicina da Universidade daquela cidade por 11-3.

Richmond ganhou os «Middlesex»

O Richmond, ao bater na final o London Welsh, por 21-15, ganhou os «Middlesex Sevens», a «festa» de encerramento da época em Inglaterra, que este ano atingiu um nível altamente espectacular como já não se registava desde meados da década de 70.

Com este triunfo (o nono desde 1951) o Richmond «vingou» a derrota que sofrera no jogo decisivo de 1982, então frente ao Stewart's Melville FP.

St. Brendan's venceu Torneio de Preston

O Torneio de juniores de Preston deste ano (prova para que Portugal estava convidado) foi ganho pelo St. Brendan's, que, na final, bateu o Sale G.S., por 6-0.

O «quinze» vencedor venceu a prova (organizada pelo Preston Grasshoppers) sofrendo, em oito jogos, apenas dois pontapés de penalidade. Esta equipa de Bristol terminou a época, assinalando, sem conhecer qualquer derrota, o que diz bem do seu potencial.



O Waterloo, que incluía alguns dos seus principais jogadores, só contra o Técnico (foto) sentiu algumas dificuldades em Portugal

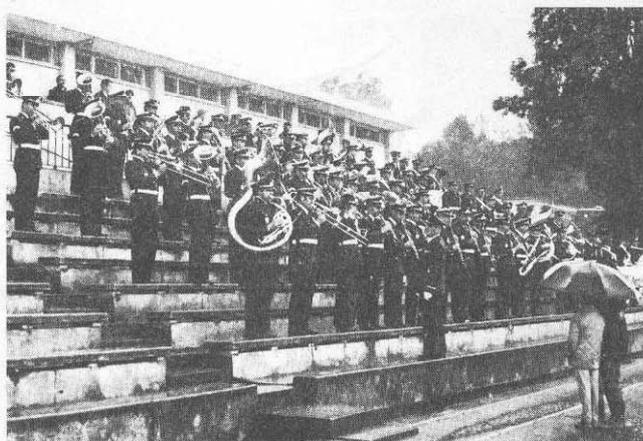
Waterloo ganha em Portugal

O Técnico, após partida que atingiu razoável nível, foi batido por 26-20 pelos ingleses do Waterloo, que realizaram em Portugal uma curta digressão. Antes os ingleses haviam ganhado ao CDUP, no Porto, por 46-4, e à Académica, em Coimbra, por 64-0.

Entretanto, e para lá da do Waterloo estavam anunciadas outras visitas de equipas britânicas neste período, nomeadamente as do Fylde (Inglaterra) e do Maesteg (Gales), deslocando estas a cargo da FPR, e ainda a do Vale of Lune (Técnico/CRRC), que não se concretizaram.

O Diss RC, esse deslocou-se até nós. A sua primeira equipa perdeu sucessivamente com o Técnico (27-6), Académica (13-3) e CDUP (86-0). O segundo «quinze» por seu turno, perdeu com o Técnico (24-9), ganhou a um misto da II Divisão (Zona Centro) por 29-11, e repetiu o triunfo frente a um outro misto, constituído por A. Valdevez e Medicina do Porto, por 44-10.

Para conclusão do calendário internacional (Técnico/CRRC) falta somente a visita do Tonyrefail RFC (30 Maio a 4 de Junho) e a realização do «IV Sagres Sevens» e da «Taça Xavier Araújo» (Veteranos), a disputar em Coimbra, a 4 de Junho.



A Banda da PSP teve de mudar de partituras a dois dias do jogo

Hino da Polónia: Banda da PSP esteve à beira da «barraca»

O recente Portugal-Polónia só por um triz não provocou um «incidente» diplomático. Ou melhor, só não aconteceu uma «barracada à portuguesa» com o Hino Nacional polaco por um mero acaso.

Mas contemos. Em devido tempo a FPR solicitou a banda da PSP para execução dos Hinos nos encontros com a Polónia e Suécia. A questão, naturalmente, seguiu pelas vias hierárquicas competentes. Só que pelo caminho algo de anormal se passou e a banda da corporação esteve uma série de dias a ensaiar, como lhe havia sido determinado, o hino da... Roménia.

Apenas na antevéspera do jogo é que um dirigente da FPR, por descargo de consciência, se lembrou de perguntar se tudo estava bem, se não teria havido algum «precalço», concluindo que... tudo estava mal.

Em dois dias, à pressa, a banda mudou de partituras e ensaiou (parece que não se saiu mal) a melodia correcta. Teria sido bonito. Para lá de toda a água que caiu naquela tarde, haveria a juntar ainda mais a que seria metida pelos (já de si bem molhados) executores dos Hinos...

Luís Feist dirigiu (bem) Espanha-Gales

O árbitro português Luís Feist rubricou excelente trabalho no encontro Espanha (sub-23)-Gales B, que dirigiu, em Gijón, no passado dia 17, tendo a crítica espanhola considerado a sua actuação merecedora de elogios, o mesmo sucedendo em relação aos galeses, surpreendidos com a qualidade da arbitragem de um juiz oriundo de um país que, em termos de rugby, nada lhes diz.

O jogo que Feist dirigiu foi, naturalmente, ganho pelo País de Gales (32-6). No entanto, os espanhóis enquanto duraram (até aos 50 minutos) causaram bastantes problemas ao seu adversário, tendo estado, inclusivamente a ganhar por 6-4. Adiante-se que ao intervalo os galeses (que apresentaram meia dúzia de «internacionais» A na equipa, casos de Moriarty, Elgan Rees, Roberts e Ring, por exemplo) ganhavam somente por 8-6.

Na primeira partida que disputaram em Espanha os britânicos bateram uma selecção do País Basco por 24-4. O jogo com a Espanha A está marcado para dia 28 e até esta data o País de Gales defrontará várias outras equipas regionais.

Bristol ganhou «John Player Cup»

O Bristol bateu o Leicester por 28-22, na final da «John Player Cup», conseguindo, o seu primeiro triunfo naquela prova inglesa de clubes.

Após excelente partida (marcaram-se seis ensaios) o «quinze» vencedor redimiu-se, assim, do desaire sofrido há dez anos, quando foi derrotado na final pelo Coventry. O Leicester, por seu turno, repetiu o inêxito de 78, ano em que foi finalista pela primeira vez. Recorde-se que nas três épocas seguintes (79, 80 e 81) conquistou o troféu.



O Leicester não conseguiu, este ano, repetir o triunfo e uma imagem como esta

Pontypool conquistou Taça do País de Gales

O Pontypool, ao vencer o Swansea, por 18-6, conquistou a edição deste ano da Taça de Gales (a «Schweppes Cup»).

Foi a primeira final do Pontypool desde que a prova se disputa. Para o Swansea esta foi a quarta presença no jogo decisivo, tendo ganho em 78 e sido batido, como agora, em 1976 e 1980.



Terry Holmes eleito Jogador do Ano

Terry Holmes, médio de formação do Cardiff e do País de Gales foi eleito, pelos leitores da revista inglesa «Rugby-World», o «Jogador do Ano» em 1983.

No segundo lugar ficou o também galês Jeff Squire e no terceiro o inglês Dusty Hare. O irlandês Ollie Campbell (o eleito há um ano) foi o quarto; Peter Winterbottom (Inglaterra), o quinto; Fergus Slattery (Irlanda), o sexto; Robert Ackerman (Gales), o sétimo; Mark Wyatt (Gales), o oitavo; Ciaran Fitzgerald (Irlanda), o nono; e Jim Calder (Escócia), o décimo.

«Barbarians» esmagados pelo Swansea

A tradicional digressão dos «Barbarians» ao País de Gales no período da Páscoa ficou este ano assinalada pela maior derrota desde sempre sofrida por aquela prestigiosa equipa inglesa de convites.

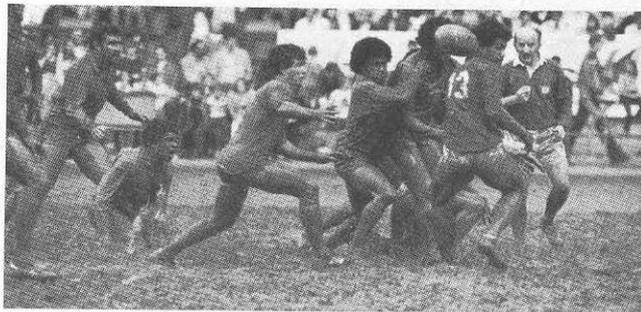
De facto, no jogo contra o Swansea, os «Babas» foram batidos por 58-6, marca que passou a constituir o seu maior «record» negativo.

Se bem que não tenha podido contar este ano com os jogadores seleccionados para os «Lions», os «Barbarians» apresentaram, mesmo assim, uma equipa recheada de internacionais, entre os quais dois sul-africanos — Errol Tobias e Darnie Gerber.

Moitense vence em A. Valdevez

O Moitense (Anadia) venceu o torneio de «Seven» que o Arcos de Valdevez promoveu, com o apoio da Câmara Municipal local.

De sublinhar a estreia de Economia do Porto que, na próxima época se deverá inscrever em provas oficiais.



O «Seven» de Hong-Kong disputou-se sob chuva e sobre lama. Na foto, Austrália e Tonga batem-se, também, contra o estado do terreno

Austrália venceu «Hong Kong Sevens»

Uma equipa da Austrália venceu, pela segunda vez consecutiva, os «Hong Kong Sevens», prova que, de ano para ano, vem tomando um maior incremento e importância no panorama rugbístico mundial.

Os «Wallabies», que incluíam jogadores como os irmãos Ella, Moon e Pearse, por exemplo, bateram na final o «sete» das Ilhas Fiji por 14-4.

O torneio juntou, uma vez mais, jogadores de todo o

Mundo constituindo um verdadeiro festival, aberto aos mais diversos tipos e concepções de jogo. Estiveram presentes entre outras as equipas da Nova Zelândia, Austrália, Canadá, Bahrein, os «Eagles» (EUA), Tonga, Fiji, Tailândia, Hong-Kong, Burné, Samoa (que venceu, assinala-se a Nova Zelândia por 4-0 nos quartos de final), Japão e algumas formações britânicas de convites.

Béziers e Nice discutem título francês

A final da edição deste ano do Campeonato francês da I Divisão, marcada para 28 de Maio, no Parque dos Príncipes, será disputada pelo Béziers e pelo Nice.

Os finalistas afastaram nas meias finais respectivamente o Bayonne (19-12) e o Agen (18-12), os «quinze» que, curiosamente, haviam discutido, na época passada, o título nacio-

nal francês — o Agen foi o campeão.

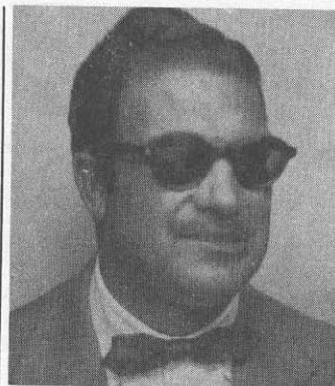
Frente a frente estarão duas formações com «palmarés» completamente diferentes. Enquanto o Nice, onde militam Orso e Pedetour, por exemplo, nunca ganhou a prova principal do rugby francês, o Béziers, nos últimos 12 anos, conquistou «só» oito títulos (71, 72, 74, 75, 77, 78, 80, 81). Antes desta «era de ouro» a equipa de Martinez, Lacans, Palmié e Wolff, entre outros nomes conhecidos, havia somente ganhado o campeonato em 1961.

Faleceu Rafael Claro

O dr. Rafael Fernandes Claro, figura destacada e prestigiosa do Rugby português, faleceu no passado dia 16 de Maio, em Lisboa.

O dr. Claro, que as gerações mais novas conheceram apenas como médico — sempre pronto a assistir (quer houvesse lama, chuva ou Sol) os que se magoavam dentro de campo — e como clínico oficial das seleções nacionais até há dois anos, foi, no entanto, para o rugby português, muito mais do que isso.

Como jogador, primeiro, técnico e dirigente, depois, (no Benfica) o dr. Claro fez parte de um grupo de individualidades que marcaram uma época importante da modalidade no nosso país. Foi também um dos pioneiros do rugby juvenil em Portugal, ini-



ciando as «escolas» do Benfica, em 1954. Foi dirigente federativo e seleccionador nacional. Orientou ainda o «quinze» da Faculdade de Medicina de Lisboa nos finais dos anos 60 e princípios de 70.

À família enlutada, e em especial aos seu filho Henrique, «Rugby-Revista» apresenta as mais sentidas condolências.

Torneios de Iniciados e Infantis em hora de decisões



FRANCISCO MESQUITA

Os torneios distritais de Lisboa de Iniciados e Infantis encontravam-se, no momento em que se escreve, em plena fase decisiva.

As últimas jornadas das duas provas, na realidade, estão previstas para o fim de semana em que este número de «Rugby-Revista» é posto à venda, tendo o Comité Regional de Lisboa organizado uma festa de encerramento, precisamente para a manhã de 29 de Maio.

No que diz respeito ao torneio de Iniciados, qualificaram-se e disputaram a fase final, as equipas do S. Miguel, do CDUL (apurados da Série A) e Benfica e Direito (Série B).

Para a competição dos lugares secundários (5.º ao 8.º) a fase inicial determinou o apuramento do Técnico e do Cascais (Série A) e de Agronomia e Colégio Militar (Série B).

Numa rápida apreciação à forma como decorreu a primeira parte desta prova há que referir que os apurados da Série A (CDUL e S. Miguel) foram os que se previam, já que os seus opositores (Cascais e Técnico) poucas hipóteses tinham de conseguir um dos dois primeiros lugares, devido à notória superioridade dos dois primeiros.

Na outra série, no entanto, as coisas já



Os iniciados do S. Miguel estavam, após as vitórias sobre o Direito e Benfica (foto) em boa posição para ganhar o torneio lisboeta da categoria

não se passaram de maneira tão simples para o Benfica e o Direito. Com efeito, tanto Agronomia (principalmente) como o Colégio Militar foram sérios concorrentes aos lugares cimeiros do grupo.

As classificações da fase inicial ficaram assim ordenadas:

Série A

	J	V	G	D	M-S	P
CDUL	6	5	1	—	100-36	17
S. Miguel	6	4	1	1	68-56	15
Técnico	6	1	—	5	40-112	8
Cascais a) ...	6	1	—	5	44-48	7

a) teve duas faltas

Série B

	J	V	E	D	M-S	P
Benfica	6	4	—	2	108-60	14
Direito	6	4	—	2	84-80	14
Agronomia ...	6	2	1	3	84-68	11
C. Militar	6	1	1	4	80-132	9

Na fase final o que se previa foi confirmado nas duas primeiras rondas da competição. À partida, S. Miguel e CDUL eram os favoritos, com o Direito e o Benfica a funcionarem como perigosos «outsiders», capazes de fazer «tropeçar» qualquer dos candidatos principais. É isso que sucedeu logo à segunda jornada, com a vitória do Direito (8-4) sobre o CDUL.

Depois deste desaire dos «cdulistas», o S. Miguel (que bateu o Direito e o Benfica) ficou excelentemente colocado para repetir o triunfo de há um ano. E, registe-se, o jogo do último dia, entre S. Miguel e CDUL, como em 82, irá ditar o vencedor deste animado torneio.

No outro grupo (5.º ao 8.º) os competidores ficaram reduzidos a três por desistência do Cascais, tendo a prova (duas primeiras jornadas) confirmado o equilíbrio entre eles.

TRÊS CANDIDATOS NOS INFANTIS

No que se refere ao torneio de Infantis, no momento em que se escreve, estavam disputadas 12 jornadas das 14 que compõem a prova, apresentando-se o Benfica, Colégio Militar e S. Miguel como principais candidatos ao primeiro lugar.





Imagem (bem espectacular, apesar da pouca idade dos intervenientes) do jogo entre os infantis de Agronomia e do Cascais

Os «encarnados» mais jovens tiveram um começo menos bom, mas, após a quarta jornada somam só vitórias, o que atesta certa regularidade.

O Colégio Militar constituiu equipa com grandes possibilidades e revelou-se muito regular (só uma derrota). Embora tecnicamente ainda não muito evoluídos os «meninos da Luz» possuem jovens jogadores bem dotados fisicamente, o que faz deles um conjunto temido.

O S. Miguel, por sua vez, começou bem, teve uma quebra a meio da prova, e surge na fase final também com hipóteses, embora mais reduzidas que os dois primeiros.

O Belenenses desistiu do torneio e o Direito foi eliminado por sucessivas faltas de comparência.

À 12.^a jornada, a classificação estava assim ordenada:

	J	V	E	D	P
Benfica	8	6	—	2	20
C. Militar	8	5	2	1	20
S. Miguel	8	4	1	3	17
Cascais	10	3	—	7	16
CDUL	9	2	1	6	14
Agronomia a) ...	7	3	—	4	12

a) Tem uma falta.

Esta prova termina no dia 29 de Maio, tal como a dos Iniciados.

BELENENSES: ACTUAÇÃO BEM LAMENTÁVEL

A finalizar, uma palavra de lamento para a desistência do Belenenses nos dois escalões etários. Isto depois do CRRL ter feito um esforço para a sua inclusão (inscreveu-se tardiamente, obrigando a toda a reformulação dos calendários).

Uma atitude muito desagradável e desmotivadora, denotando desinteresse (ou desorganização) de um clube com tradições e responsabilidades nestes escalões e no rugby português.



A foto de cima refere-se à partida entre os infantis do S. Miguel e do Colégio Militar; a de baixo respeita ao Agronomia-Cascais

Em relação ao Cascais, lamenta-se também a sua desistência da fase final do Torneio de Iniciados, pois trata-se de um

clube que tem revelado constante trabalho (e progresso) nas suas equipas mais jovens.

RUGBY
REVISTA

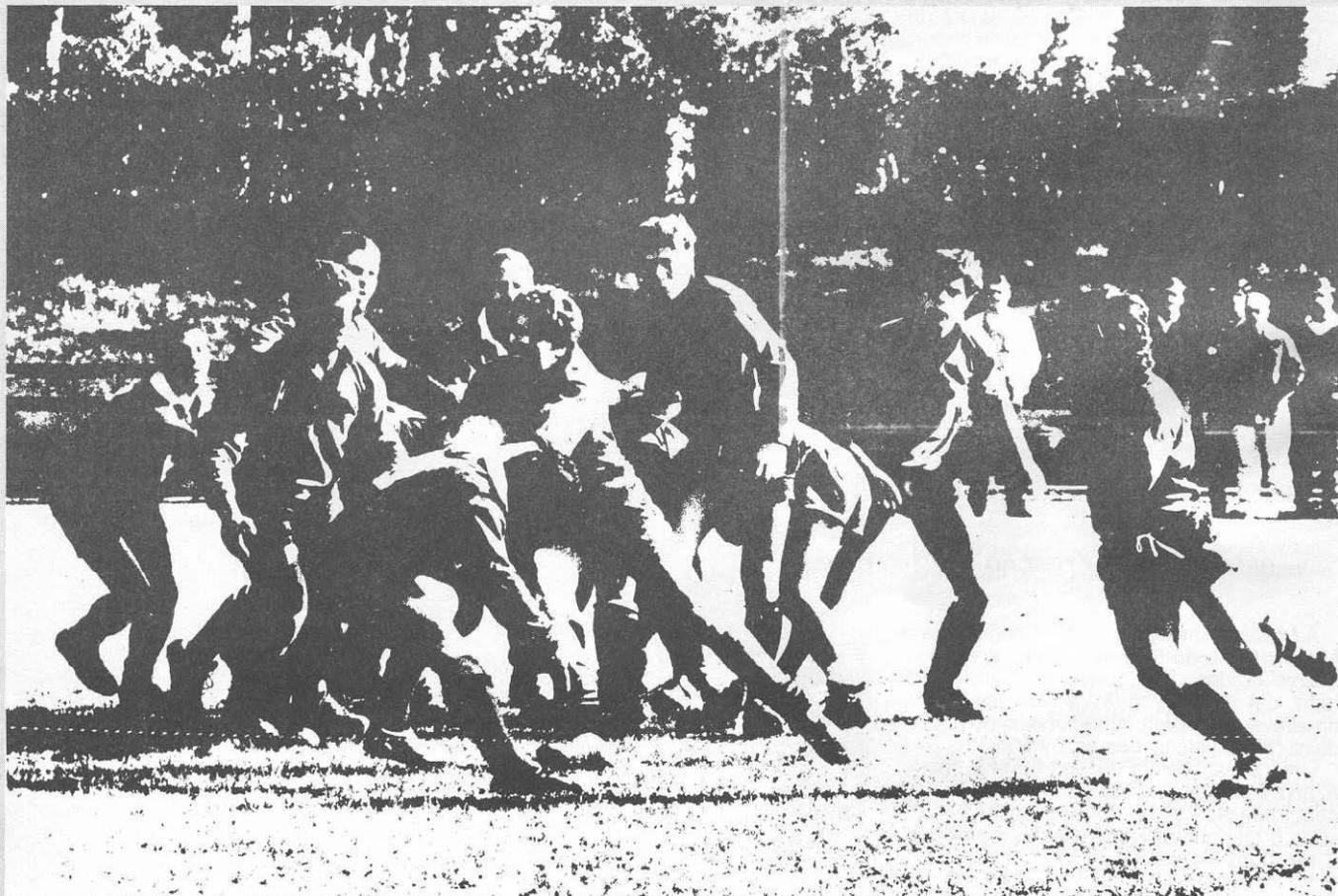
ELEITO O «XV IDEAL» DA I DIVISÃO

Contrariando, um pouco, aqueles que afirmam ser o nosso rugby falho de valores, a eleição do «XV Ideal da I Divisão» 82/83 que agora promovemos pela terceira vez parece provar o contrário. De facto, da «equipa tipo» de há um ano apenas se mantêm seis jogadores — Bernardo, Moita e Manuel Costa (os únicos sobreviventes do «XV» de 80/81), José Luís, António Ferreira e Luís Reis. Domingos Megre que há um ano não fez parte da «equipa» por uma «unha negra», voltou a ocupar um lugar no «XV Ideal», como sucedera da primeira vez.

Registe-se a unanimidade da votação precisamente em Megre e, também em Bernardo, para os respectivos lugares.

Votaram sete dos oito treinadores das equipas da I Divisão: António Miranda (CDUL); Toni C. Fernandes (Académica), Silva e Cunha (Belenenses), J. Paulo Bessa (Direito), Franco Leal (Cascais), Henrique Mendonça (CDUP) e José Cordovil (Benfica). Monteiro da Silva (Técnico), não participou na eleição por considerar ter-se afastado da orientação da equipa antes do termo do campeonato.

Solicitámos a cada um dos votantes a indicação de dois nomes para cada lugar. Depois atribuímos três pontos ao indicado para primeiro, e um ao votado em segundo, assim se estabelecendo uma classificação que determinou o apuramento final do «XV Ideal» — entre parentesis (nas legendas das fotos) indicam-se os totais recebidos por cada um dos eleitos. De registar que foram nomeados mais 26 jogadores.





1 — QUIM PEREIRA (15)
CDUL



2 — GIL GONÇALVES (17)
Académica



3 — «CAJÓ» REIS (9)
Cascais



6 — PEDRO FERREIRA (18)
Direito



4 — JOSÉ LUÍS (10)
CDUL



5 — «NENÉ» VAZ (14)
Académica



7 — ANTÓNIO FERREIRA (14)
Direito



8 — BERNARDO M. PINTO (21)
CDUL

Época
82/83



9 — JOÃO M. PINTO (16)
CDUL



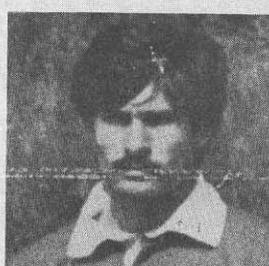
10 — D. MEGRE (21)
CDUL



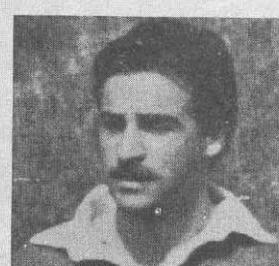
11 — LUÍS REIS (18)
Belenenses



12 — V. ALMEIDA (11)
Belenenses



13 — SÉRGIO FRANCO (11)
Académica



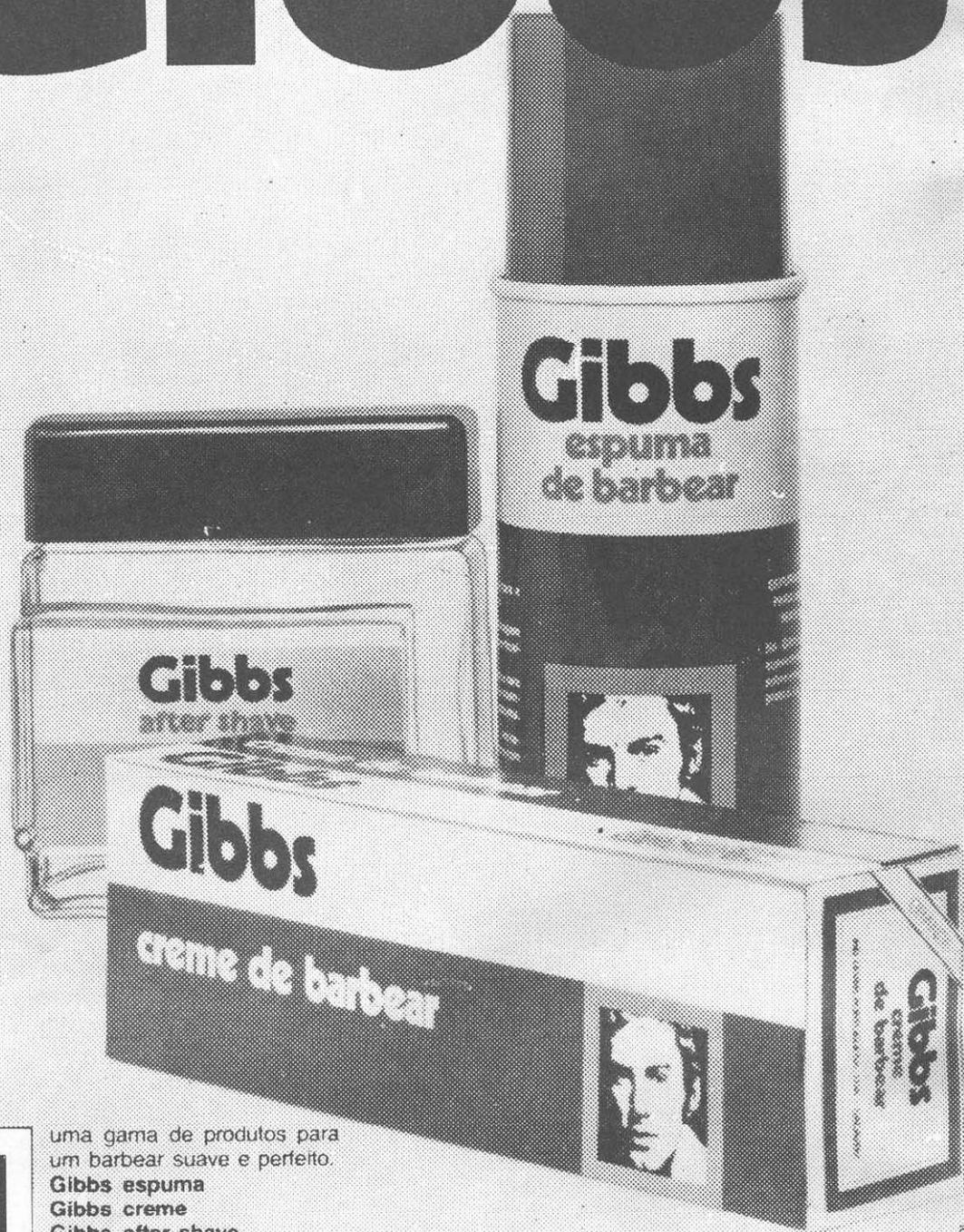
14 — C. MOITA (19)
CDUL



15 — M. COSTA (16)
Belenenses

RUGBY
REVISTA

Gibbs



uma gama de produtos para
um barbear suave e perfeito.
Gibbs espuma
Gibbs creme
Gibbs after-shave
e também Gibbs na
variedade **frescura marinha**
...uma onda de frescura!

só para homens

O vómito

VASCO PINTO DE MAGALHÃES

Sempre tive para mim que a crítica é indispensável à sociedade. Crítica honesta, adulta e civilizada, é óbvio — não a maledicência gratuita, não fundamentada, ou, mesmo, a mera louvaminha lisonjeira, de compadrio, tão frequente entre nós. Daqui o não aceitar-se geralmente, a função saudável da primeira, mantendo-se as pessoas na posição de que tudo está correcto (... quando são lisonjeadas) ou que se trata de má língua... «dizer mal é fácil» (... quando não lhes agrada).

Acresce que, no Desporto (com D grande, se faz favor), e, muito especialmente no Rugby, foram sempre muito escassos os escritos de carácter crítico, consequentemente construtivos, limitando-se os jornais que comercializam o noticiário das actividades desportivas e, sobretudo, das assim impropriamente chamadas, à simples menção dos resultados dos jogos efectuados, quando muito à composição das equipas e respectivos marcadores. Por falta de espaço, diz-se e é verdade — futebol é que dá dividendos — mas também, quer-me parecer, por carência de críticos cujo reconhecido prestígio sempre lhes abriu as portas dos jornais, até mesmo por iniciativa e instância destes. Nisto, bem como noutros importantes aspectos, a «R.-R.» veio trazer possibilidades novas, direi mesmo, promoção à crítica e não foi esse o menor dos seus contributos para a divulgação e melhoria — a possível — do nosso desporto.

Nado e criado na atitude com que abri este escrito, não precisei da «R.-R.», nem sequer de um 25 de Abril, para exprimir o meu pensamento, justificando-o, «dando a cara», para que me corrigissem se erro, usando para comigo a honestidade, nível de civismo, desassombro e inconformismo que perfilho. Estou a lembrar-me de duas entrevistas que dei à R.T.P., por intermédio de Serafim Marques, uma em 26 de Fevereiro de 1959 e outra a 30 e Março de 1970, a primeira das quais esteve na origem de que viesse a ser proibido a transmissão directa de entrevistas e a segunda levantou forte celeuma entre os visados, os ensinantes e os noticiaristas do Rugby. Assim como me vem à memória dois dos muitos artigos e entrevistas que dei a periódicos vários, publicadas estes no «Diário Popular» de 3 e de 24 de Junho de 1957, respectivamente, com os títulos de «Originalidade» (já éramos «originais» na época... já tínhamos inventado o futebol à portuguesa...) e da «Do Estatuto do Desportista» (o que o ministro da tutela de então, apelidou, em discurso público, numa «boutade» das suas, como o «Estatuto da Mulher Séria»).

Assim como não precisei de um 25 de Abril para me realizar por completo, neste capítulo, e aí estão a atestá-lo: Filho, Livro e Árvore.

Voltando à crítica, é sabido que ela pode servir-se de um estilo severo, austero ou do jocoso («ridendo castigat mores», já dizia Juvenal), desde que com dignidade, elegância... e graça (quando esta adrega acontecer...).

Vem isto a propósito de João Paulo Bessa não ter aceitado a minha rectificação («R.-R.» n.º 21/Mar 83), à sua conclusão de que, em 1969, em Portugal não se sabia ainda o que era *fixar o adversário* («R.-R.» n.º 21/Mar 83): chame-lhe ele o que quiser, *táctica* ou *técnica* individual, não estava em causa esta classificação (aliás, bastante discutível), o que era e é bem claro é *que de fixar o adversário se tratava*. E quem tiver pachorra que compare os textos.

E assim pretende que me enganei na leitura que do meu artigo fiz. Na impossibilidade de demonstrar esta proposição, pela forma como o fez («R.-R.» n.º 22/Abr 83), se depreende o meu desespero de causa. Afinal, a conclusão era bem outra, o processo catártico com que pretendera libertar-se, purificar-se, dum possível erro cometido na sua juventude, não lhe dera mais do que uma ridícula... catárese.

E, à míngua de argumentos, eis que se azedam os complexos ao Bessa, que perde as estribeiras. Se enfurece e começa a sentir náuseas. Desta feita, não era uma simples catárese, era a ameaça dum *volvo!* E, de cabeça perdida, perante tais complexos, inicia um autêntico «strip-tease» o que, se dum modo geral, é lastimável (o ver um homem desnudar-se em público), acabou por ser uma boa exibição, para esclarecimento das gentes quanto aos recalques, às suas frustrações.

Pois quê! Depois de tantas tentativas falhadas, agora que se tornou o «shogum» Bessa-San do Rugby Português, havia quem se atrevesse a desdizê-lo, e, ainda por cima, brincando com ele? E eis que as náuseas aumentam, aumentam, até que, entre dois arrotos imensos, tem um vómito colossal, onde bolsa, de cambulhada com gestos dos seus recalques e frustrações, reles calúnias, insultos soezes, vis insinuações malévolas... eu sei lá!

E Bessa-San aliviou!



Porém, perante a consciência da sua nudez e a pestilência do seu vómito, negro, viscoso, fedendo a fel, deu-se conta do seu estado e recorrendo a um resto de dignidade do seu «estatuto», deitou mão à sua «shoto» e cometeu «haraquiri». E assim, nos vascos da agonia, caiu de borco e nada mais restou visível do que um imenso, oceânico, vómito negro!

Que as divindades lhe perdoem como eu lhe perdoo.

«Requiescat in pace!»



Mas, se por acaso, o seu hecto-plasma conturbado, irrequieto e curioso vier rodopiar para estes sítios, dada a minha reconhecida incapacidade «mediúnica» desde já aqui lhe deixo um recado, para o Aquém e o Além: é que se dirija ao Director da «R.-R.» — neste momento, coitado, certamente a braços com esforçados trabalhos, procurando, com poderoso detergente, fazer desaparecer a nódoa que na sua revista caiu — porque ele, certamente, saberá dar-lhe as respostas, necessárias, dado que é — e foi, ainda antes da «R.-R.» ter saído — a seu pedido que lhe dei e dou a minha colaboração e foi, também, a reiteradas instâncias suas, que concordei em que incluisse o meu nome no quadro de Consultores Técnicos da «R.-R.».

Ele lá sabe porquê.

Possivelmente por que conhece o meu currículo.

A «polémica» acaba aqui

«Rugby-Revista», que desde o seu primeiro número está aberta ao debate das principais questões ligadas, directa ou indirectamente, ao rugby português, não pode deixar de lamentar esta polémica entre dois dos seus mais prestigiados colaboradores.

Creemos que daqui nada de útil resulta para o rugby português, tão pobre em valores. Que nos desculpem Vasco

Pinto de Magalhães e João Paulo Bessa, mas consideramos esta «troca de galhardetes» um puro desperdício de capacidades, de tempo e de espaço numa publicação em que ele não abunda.

Nestes termos, exercido que está o direito de resposta, encerramos aqui esta questão. — JFM.

Uma sugestão que se estende ao «Nacional»

Vamos reformular a orgânica da Taça?

J. FRAGOSO MENDES

A forma verdadeiramente desinteressante como decorreu (uma vez mais) a Taça de Portugal, a sua pouca competitividade, os «sobressaltos» que sofreu e, mesmo, os maus tratos a que foi sujeita apontam inequivocamente no sentido da sua reformulação urgente.

Não se compreende que Portugal, um país privilegiado no que respeita a condições climatéricas, tenha uma época de seis meses (ou menos) preenchida com um anacrónico Torneio de Abertura, seguido de um campeonato de 14 jornadas e depois de meia dzia (se tanto) de jogos (se chegarem a realizar-se) falhos de competição a contar para uma prova a que, pomposamente, chamamos de Taça de Portugal.

Se repararmos bem, as equipas portuguesas de primeiro plano (e estas são quem mais joga) disputam em média 25 partidas por época, um número bastante baixo. Se juntarmos a isso que de verdadeira competição se realizam uns 14 ou 15 encontros, facilmente se chega à conclusão que é muito pouco.

Dir-me-ão que temos poucas equipas, que os campos não abundam, que a organização é aquilo que se sabe. Tudo certo. Concordamos inteiramente.

Mas pensamos que é possível, com as poucas equipas, com os poucos campos e com algumas melhoras organizativas, pôr o rugby português a «mexer» doutra maneira. É possível pôr os jogadores portugueses a jogar mais, é perfeitamente viável, com um pouco de esforço e imaginação, dar-lhes mais competição.

Tal como o fizemos há um ano, em relação aos «nacionais» da II Divisão e de Juniores, as sugestões aqui ficam. O seu aproveitamento ou não, a sua utilização como ponto de partida para outras soluções fica, naturalmente para quem de direito: os clubes, via Assembleia Delegada, ou a Direcção da FPR, ela própria.

TRÊS VOLTAS PARA A I DIVISÃO

Antes de mais gostaríamos de ressaltar que as sugestões que apresentamos dizem respeito fundamentalmente ao escalão sénior.

Começando pelo «Nacional» da I Divisão, «chumbada» que foi, há um ano, a proposta de alteração que visava fazer culminar a prova com uma fase final (a solução mais lógica e competitivamente mais acertada), que alongaria o torneio por mais três jornadas, chumbada que foi, dizíamos, talvez fosse de tentar a «outra»

26 hipótese.

Isto é, fazer disputar o campeonato em três voltas. O número de jogos subiria para 21 (uma quantidade de partidas obrigatórias já a nível europeu) não se tendo que «mexer» no número de «quinzes» participantes. Dir-se-á que tal seria demasiado repetitivo, que três jogos para a mesma prova entre os mesmos adversários são demais.

Há que referir, no entanto, é que no caso do «Nacional» passar a três voltas seria de toda a conveniência acabar com o também desinteressante Torneio de Abertura.

Uma prova nestes moldes poderia por exemplo iniciar-se no primeiro fim de semana de Outubro, logo após o Festival de dia 5 (que se espera «regresse» já na próxima época).

Se as coisas se passassem desse modo, e em relação à temporada de 83/84, o «Nacional» com 21 jornadas arrancaria no dia 8 de Outubro e prolongar-se-ia até 12 de Março, com as habituais interrupções do Natal e Ano Novo.

Enquanto isto, em relação às equipas da II, III Divisões e de Reservas arranjar-se-ia o calendário de forma a que as últimas jornadas destas provas coincidissem com a última do campeonato principal. Para essas equipas, normalmente pior organizadas que as oito principais, o início da época poderia ser preenchido, aqui sim, com um Torneio de Abertura que proporcionasse o seu «arranque» na época.

TAÇA DE PORTUGAL EM TRÊS FASES

Concluídos, portanto, os «nacionais» no dia 12 de Março (repete-se que nos referimos a uma possibilidade, correspondendo as datas à época de 83/84) entrar-se-ia, então, na disputa da Taça de Portugal.

E aqui é que esta sugestão apresenta a alteração mais profunda à orgânica das provas.

De facto, a Taça nos moldes actuais, desculpem-nos a franqueza da expressão, «não interessa a ninguém» — nem aos jogadores, nem aos clubes, nem ao rugby.

Nestes termos, pensamos que a única hipótese de a tornar mais interessante e competitiva, de maneira a manter a actividade regular pelo menos até meados de Maio, é alterar profundamente a sua orgânica.

Assim, esta sugestão que se deixa ao debate público, contemplaria a implementação de três fases:

1.^a — Só participariam os «quinzes» da II e da III Divisões e as de Reservas, que seriam agrupados em quatro séries de seis equipas (isto considerando as inscrições — 24 — verificadas esta época). A competição seria em «poule» a uma volta, o que daria um total de cinco jornadas;

2.^a — Aos dois primeiros em cada uma das quatro séries juntar-se-iam, depois, os oito da I Divisão. As 16 equipas dividir-se-iam novamente, agora por quatro gru-

pos, que em «poule», a uma volta (três jogos) apurariam oito — os dois primeiros de cada um deles.

3.^a — A última parte da prova seria, então, já tipo Taça. Isto é, os oito qualificados disputariam os quartos de final (acasalados por sorteio); depois os vencedores jogariam as meias finais; e, finalmente os apurados discutiriam, entre si, a final.

Naturalmente este sistema, com as devidas adaptações poderia também aplicar-se ao escalão junior.

Perguntar-se-á como é que ocupariam as equipas da I Divisão os cinco fins de semana que medeiaram entre o final dos campeonatos e o início da sua participação na Taça. A resposta é simples: o período de 12 de Março a 22 de Abril (continuamos a referir a possibilidade de levar à prática esta alteração na próxima época) é normalmente aquele em que nos visitam maior número de clubes estrangeiros e o de maior actividade da selecção nacional.

Há ainda a hipótese de adiantar os «nacionais» secundários de tal maneira que terminem quando faitem cinco ou seis jornadas para conclusão do da I Divisão. Dessa forma, quando este acabasse estaria concluída a primeira fase da Taça e as equipas mais cotadas não chegariam sequer a parar.

SUBIR O NÚMERO DE JOGOS PARA MAIS DE 30

Naturalmente existem outras formas de resolver o problema. Do que não temos dúvidas é que a(s) Taça(s) precisam levar uma «volta» urgentemente.

E repare-se com este sistema uma equipa da I Divisão disputaria, em competição oficial, pelo menos 24 jogos (21 do campeonato e mais três na Taça). Mas se essa equipa se qualificasse para a final da prova teria disputado 27 partidas. Se juntarmos mais uns cinco ou seis encontros com equipas estrangeiras teríamos já o razoável número de 33/35 jogos.

No que respeita às equipas secundárias (II, III e Reservas) realizariam quase o mesmo número de partidas — o tal Torneio de Abertura (4 ou 5 jogos), os «nacionais» respectivos (14 jogos) e pelo menos mais cinco na fase inicial da Taça.

As sugestões, que, repete-se, não pretendem ser mais que isso mesmo, um ponto de partida para a discussão destes problemas, aqui ficam. Outras soluções haverá, outras fórmulas poderão ser levadas à prática. Agora, de uma coisa estamos certos: há que «mexer» urgentemente, principalmente na Taça de Portugal, de ano para ano menos competitiva e mais desinteressante.

É bom não esquecer que o fundamental é que o número de jogos/época aumente e que esses encontros se revistam de algum interesse competitivo. E sabe-se a qualidade só sobe quando há competição...



O CDUL, com 32 ensaios, foi a equipa que maior contribuição deu ao total marcado no «Nacional». A Académica, também neste particular foi segunda, com 28

O maior contributo para os 1256 pontos obtidos

No «nacional» da I Divisão marcaram-se 168 ensaios

No «nacional» da I Divisão desta época marcaram-se 1256 pontos, resultantes de 168 ensaios, 73 transformações, 29 pontapés de ressalto e 117 penalidades. Estes números permitem tirar algumas conclusões interessantes, a primeira das quais é a de que a diferença entre ensaios e penalidades aumentou em relação aos dois últimos anos. Isto é, embora se tenham obtido menos ensaios que, por exemplo, em 80/81 a sua quantidade subiu percentualmente em relação ao número de pontapés transformados.

Outra das muitas conclusões possíveis é a de que, em Portugal, se continua a utilizar pouco o «drop» (média de 3,62 por equipa, em 14 jogos) e que, se se considerar o ensaio como a maneira mais «nobre» de marcar pontos, o CDUL foi um justíssimo campeão: obteve 32 (mais quatro que a Académica) e sofreu apenas sete (o Benfica — quem diria! — com 14, foi o «segundo», neste particular).

Ainda no que se refere a generalidades, realce para o facto de apenas metade (um

pouco menos) dos ensaios marcados terem sido transformados, o que, se por um lado pode indicar que a maioria dos toques na área adversária foram conseguidos entre os 15 metros e a linha lateral de meta, também significa, por outro (se juntarmos a isto o decréscimo nas penalidades) que os chutadores não estiveram,

esta época, muito inspirados.

CDUL: 2,28 ENSAIOS POR JOGO

Detamo-nos, agora, um pouco, na questão dos ensaios. O CDUL, como se referiu, foi a equipa que contribuiu com maior número para o total apurado.

Os campeões nacionais obtiveram 32



O Cascais (na foto frente ao Direito) foi que em menos ensaios marcou: apenas 11, em 14 jogos

(média de 2,28 por jogo), seguindo-se-lhes a Académica com 28 (2 por jogo) e o Belenenses com 26 (1,85). Direito e Técnico, com 19, surgem a seguir (média de 1,35). Depois, o Benfica, que marcou 18 (1,28) — sublinhe-se o facto de destes 18 ensaios, nove terem sido marcados num só jogo, o disputado na Luz, contra o Direito.

O CDUP, por seu turno, com 15 (1,07) e o Cascais, com apenas 11 (0,78) foram os «quinzes» menos realizadores do campeonato.

Ressalta destes números que apenas o CDUL, Académica e Belenenses obtiveram um aceitável quantidade de ensaios/jogo. Os restantes ficaram muito aquém do exigível numa I Divisão.

Quanto aos sofridos por cada equipa, o CDUL volta a ser o primeiro com apenas sete (0,5 por jogo), média bastante boa. O Benfica com 14 (1,0 por jogo) é, curiosamente, o segundo (recorde-se que foi o último classificado da prova) número este tão surpreendente como a sua própria classificação final.

Seguem-se, depois, a Académica com 20 (1,42) e o Técnico com 21 (1,5), o CDUP com 23 (1,6) e o Direito com 24 (1,7).

Em relação a este último há que referir, no entanto, que a sua média seria bastante superior não fora o «descalabro» do jogo com o Benfica. Teoricamente, em condições, normais, isto é, se naquele jogo não tivesse apresentado (forçado) uma equipa completamente «remendada», quase a de «reservas», a quantidade de ensaios sofridos seria, por certo, bem menor. Mas o que é um facto é que os sofreu.

O Belenenses, curiosamente, se foi dos que mais marcou também foi dos que mais sofreu — é a sina de quem joga aberto, virado para a área adversária! Foram 27 (1,92), só não tendo sido a defesa

mais batido porque o Cascais, que recorde-se marcou apenas 11, sofreu nada mais nada menos do que 32 (2,28 por jogo).

CASCAIS E DIREITO: OS «MAIORES» NOS PONTAPÉS

E pode dizer-se, entrando já nos pontapés de penalidade, que se não fossem os seus chutadores, o Dramático estaria muito provavelmente a estas horas de novo na II Divisão. De facto converteu 21 pontapés ao longo da prova (1,5 por jogo), tantos como o «co-recordista», o Direito.

A Académica e o Técnico surgem a seguir com 15 (1,07), depois o Belenenses, com 13 (0,92), o CDUP com 12 (0,85). O CDUL esteve mal na conversão de penalidades: apenas 11 êxitos (0,78), número muito baixo para uma equipa com as suas potencialidades. O Benfica marcou apenas nove (0,64) o que deixa transparecer a pouca inspiração dos seus chutadores.

As penalidades sofridas por cada uma das oito equipas, mais do que qualquer outra conclusão permitem ficar com uma ideia do grau de «faltosidade» dos seus jogadores.

E neste particular o Cascais, com 20, volta a encabeçar a lista, seguido do Técnico (17), do Direito e CDUL (15), do Benfica (14), da Académica (13), do CDUP (12) e do Belenenses (11).

MUITO POUCOS «DROPS» MARCADOS

Continuando a «jogar com os pés», e em relação aos «drops» — espectacular maneira de marcar pontos, um pouco «esquecida» entre nós (apesar de termos bons, ou razoáveis, especialistas) — o Belenenses, o Técnico, o Cascais e o Benfica, todos com cinco no activo foram os «reis».

A Académica (4), Direito (2) e CDUP (2), apesar da sua fraca produtividade neste sector foram, mesmo assim, melhores que o campeão que, ao longo de todo o «nacional», apenas converteu um pontapé de ressalto.

No que respeita às transformações, se se atentar no quadro que publicamos junto, facilmente se constata que de um modo geral, o seu número corresponde a cerca de metade dos ensaios marcados por cada equipa. A excepção é o Benfica que dos 18 ensaios que obteve apenas transformou quatro.

A finalizar este breve apontamento — os números que publicamos dariam pano para mangas, prestando-se às mais diversas análises — gostaríamos de chamar a atenção dos leitores que tiveram a paciência de chegar a este ponto para a «leitura» possível do quadro analítico, no que respeita à relação entre a média geral e ao número total de pontos, de ensaios, transformações, «drops» e penalidades marcadas e sofridas por cada uma das oito equipas.

Daí poderão tirar-se algumas conclusões interessantes.

Ainda antes de terminarmos, daqui se lança, de novo, um apelo à FPR para que faça «regressar» urgentemente os boletins de jogo utilizados há uns anos atrás. Com o modelo actual não pode saber-se quem marcou os pontos em cada partida.

E seria muito útil poder conhecer-se os nomes dos jogadores que mais ensaios marcaram, mais pontapés transformaram e «drops» converteram. Os dados estatísticos que daí se retirariam serviriam não só para, por exemplo, numa análise deste tipo se ir bastante mais longe, como, e principalmente, para proporcionar importantes dados a quem tem a responsabilidade de seleccionar.

Quadro analítico do «Nacional» de 82/83

CLASSIFICAÇÃO	RESULTADOS				PONTOS									
	V	E	D	P	MARCADOS					SOFRIDOS				
					TOTAL	E	T	D	PP	TOTAL	E	T	D	PP
1.º CDUL	10	1	3	35	194	32	15	1	11	97	7	3	6	15
						128	30	3	33		28	6	18	45
2.º Académica	9	—	5	32	195	28	13	4	15	148	20	10	3	13
						112	26	12	45		80	20	9	39
3.º Belenenses	8	—	6	30	178	26	10	5	13	171	27	12	2	11
						104	20	15	39		108	24	6	33
4.º Direito	7	—	7	28	167	19	11	2	21	174	24	9	5	15
						76	22	6	63		96	18	15	45
5.º Técnico	7	—	7	28	150	19	7	5	15	167	21	10	4	17
						76	14	15	45		84	20	12	51
6.º Cascais	5	—	9	24	134	11	6	5	21	226	32	16	2	20
						44	12	15	63		128	32	6	60
7.º CDUP	4	2	8	24	116	15	7	2	12	151	23	7	3	12
						60	14	6	36		92	14	9	36
8.º Benfica	4	1	9	23	122	18	4	5	9	122	14	6	4	14
						72	8	15	27		56	12	12	42
TOTAIS					1256	168	73	29	117	1256	168	73	29	117
						672	146	87	351		672	146	87	351
MÉDIAS					157,00	21,00	9,12	3,62	14,62	157,00	21,00	9,12	3,62	14,62

Que fazer no «defeso»?

JOSÉ CORDOVIL

Com o aproximar do final da época justifica-se escrever algo sobre o «defeso», ou melhor, sobre o período de transição que vai de Maio/Junho até ao regresso aos treinos no clube, para preparação de nova temporada, no que respeita ao treino físico.

O desenvolvimento deste tema relaciona-se estreitamente com as ideias base do primeiro artigo que publicámos nesta revista (N.º 18 Dez82), em particular as que se referem à análise do rugby português e à importância de atitude dos jogadores perante a modalidade.

A época em Portugal, já desequilibrada, irregular e desmotivante em pleno período competitivo, tem o seu «calcanhar de Aquiles» (no aspecto do treino físico) no período de transição. Esta afirmação justifica-se pela sua longa duração (cerca de 1/3 do ano) e também pela atitude errada com que é encarado frequentemente.

Esse período é fundamental para todos os que pretendam garantir a sua evolução de época para época, lutando contra a estagnação ou o retrocesso, e mais do que isso, para conseguirem manter a «forma» durante o máximo tempo possível ao longo de cada época, evitando as lesões e o sofrimento penoso do início da seguinte.

De uma forma genérica, pretende-se neste período a recuperação dos jogadores a par da manutenção de actividades de natureza variada, que evitem as paragens prolongadas de forma a recomeçar a época seguinte em melhores condições do que a anterior, garantindo assim a possibilidade de evoluir — objectivo do treino.

É sabido que em Portugal há diferenças sensíveis nas épocas competitivas dos diversos escalões etários, mas poderemos considerar que, na generalidade, a época competitiva se situa entre Outubro/Novembro e Abril/Maio. Cabe aqui referir que com o termo dos Campeonatos Nacionais se verifica um aumento de irregularidade de competição atingindo-se o final de Abril já com a generalidade das equipas sem competir regularmente (caso dos eliminados das Taças). Considerarei, de qualquer modo, como período de transição apenas os meses de Maio a Agosto, comum à generalidade das equipas.

Que fazer então durante estes longos quatro meses, em que o clima convida à inactividade?

No meu entender, devemos considerar dois períodos-fases distintos ao longo do período de transição: o termo da época no clube e as férias.

a) TERMO DA ÉPOCA NO CLUBE

Durante esta fase os jogadores estão enquadrados no trabalho do seu clube, mas pelos problemas que geralmente se verificam neste período não me parece descabido apontar dominantes do treino nessa fase, com compreensível destaque do tema que tenho vindo a desenvolver.

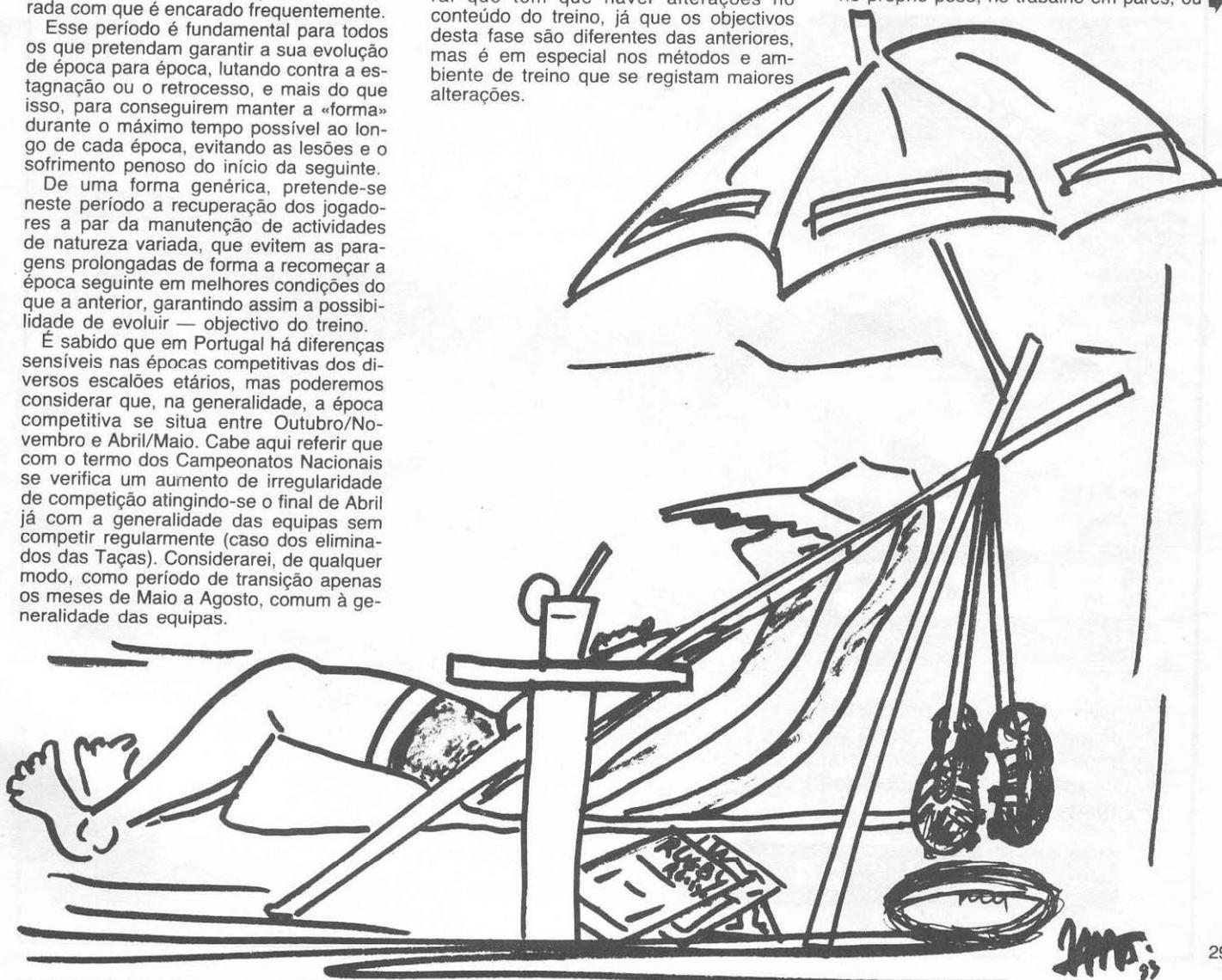
O termo das competições oficiais provoca geralmente problemas de motivação dos jogadores no treino (que nem os frequentes contactos com equipas estrangeiras têm conseguido solucionar) havendo que procurar formas de solucionar esta questão sem quebras acentuadas de assiduidade ou mesmo paragem.

Creio que, desde que devidamente preparada esta fase pode ocupar, com interesse, os meses de Maio e Junho. É natural que tem que haver alterações no conteúdo do treino, já que os objectivos desta fase são diferentes das anteriores, mas é em especial nos métodos e ambiente de treino que se registam maiores alterações.

No que respeita ao conteúdo do treino deve-se procurar a diminuição gradativa da sua intensidade estabilizando num nível médio o seu volume. Os métodos e utilização não devem ser únicos. É importante a variedade com o recurso frequente a situações lúdicas-animação. No capítulo de ambiente há dois aspectos a reter: no aspecto humano o treino deve ser mais livre no capítulo das actividades a realizar, desde que controlado; no aspecto instalações e material há toda a vantagem em recorrer a diversos locais (evitando a saturação dos espaços habituais).

É a fase ideal para a utilização das variantes como o «seven» (para Juvenis, Juniores e Seniores) ou o rugby de XV para os iniciados. Deve-se também recorrer a outras actividades desportivas — Futebol, Basquetebol, Andebol, Voleibol, etc. — que possam agradar aos jogadores e servir os objectivos desta fase.

Para além das actividades já expostas, cuja utilização deve ser encarada como meio de treino de resistência, devem ser também realizadas acções visando o desenvolvimento de força e flexibilidade, possibilitando a correcção de desequilíbrios de desenvolvimento muscular comuns à maioria dos jogadores e tantas vezes na origem de lesões. Para tal é vantajoso dispor de instalações e material — salas de musculação — que infelizmente ainda não estão ao alcance de muitos clubes. Mas é também possível fazer muito recorrendo o trabalho muscular baseado no próprio peso, no trabalho em pares, ou



recorrendo a imaginação para encontrar cargas adequadas (como por exemplo D. Craven na Univ. de Stellenbosch expõe no seu livro — Rugby Handbook¹).

Deixando um pouco o âmbito do treino físico, dado que o momento me parece oportuno, creio que esta fase é a ideal para a realização de experiências com jogadores em novas posições (variação correcção de desajustamentos posicionais e formação dos jogadores) bem como para a correcção de automatismos deficientes (nos casos em que idade ainda o torna mais possível e útil). Com o aproximar do final desta fase é chegado o momento para a recolha de elementos de avaliação do estado físico dos jogadores antes das férias (comparação com a época em curso e com o início da próxima) de forma a motivá-los para o trabalho nessa difícil fase que se segue.

Os elementos indispensáveis nesta avaliação são o peso (e altura nos escalões antes dos seniores), além de testes de resistência aeróbica e força relativa.

b) FÉRIAS

Consideremos, agora, o que se deve realizar em férias, quando terminam os treinos no clube. Por uma questão de facilidade de análise considero o início do mês de Julho como o momento em que os jogadores ficam entregues apenas a si próprios (ainda que com programas de

treino fornecidos pelos seus treinadores, quando isso acontece).

Tenho consciência de que em alguns clubes os treinos se prolongam até meados de Julho mas isso não abrange a generalidade dos nossos jogadores para quem há pelo menos dois meses de férias, i.e. sem treinos colectivos nos seus clubes. É nesta longa e tantas vezes ignorada fase que a formação e consciência dos jogadores mais se revela e assume particular importância na sua carreira.

Nesta fase há um conjunto de indicações a reter:

— manter a regularidade das actividades físicas — embora abrandando ligeiramente em Julho e alternando os dias de treino com os de repouso que não devem ser menos frequentes que duas vezes por semana — no mês de Agosto três a quatro vezes;

— controlar a actividade realizada e aumentá-la gradativamente no mês de Agosto (número de sessões e sua duração);

— utilizar actividades que incidam em especial sobre o desenvolvimento da resistência aeróbica-endurance e da força relativa e da flexibilidade, através do uso frequente da corrida, remo, natação, ciclismo, ténis, ou jogos com bola, de acordo com o gosto e hábito de cada um;

— controlar o peso e o seu estado físico (não deverão verificar-se alterações muito significativas sem motivo especial — caso

dos jovens em crescimento — tendo particular atenção à alimentação e repouso (é infelizmente frequente que os jogadores cometam neste período todo o tipo de erros possíveis, mesmo os que são disciplinados durante a época);

— aproveitar ao máximo os meios naturais — mar, sol, montanha, etc., para recuperação física e psíquica do desgaste da época.

A experiência que tenho vindo a realizar com jogadores de rugby de diversas idades, ao nível de clube e selecções, demonstra-me que muitos dos jogadores portugueses, mesmo os mais dotados e experientes, têm um atitude pouco compatível com as suas qualidades e responsabilidades nesta fase. É frequente apresentarem-se no início da época em más condições físicas ou até atrasarem o seu início, faltando a estágios orientados por conceituados treinadores (vidé o sucedido no início desta época com P. Villepreux em Setembro).

Para terminar creio ser importante frisar que além do que aqui referi sobre o treino no período de transição é imprescindível analisar e transformar a época competitiva tornando-a mais longa, regular e interessante. Mas este não é o momento para o desenvolvimento do assunto a que pretendemos voltar logo que possível.

¹ CRAVEN, Dr. D.H. — Rugby Handbook, E P Publishing, Wakefield, 1977



Complete a sua colecção

Você, certamente porque estava menos atento, «perdeu» os números anteriores de «Rugby - Revista» e com certeza está interessado em possuir a colecção completa. Para tal só tem que nos escrever e juntar (claro!) a importância respectiva (cheque ou vale postal). Depois, receberá as revistas que lhe faltam, pelo Correio, sem mais problemas, como sucede com os nossos assinantes. E, a propósito, porque é que não aproveita a ocasião e assina RUGBY - REVISTA?

RUGBY

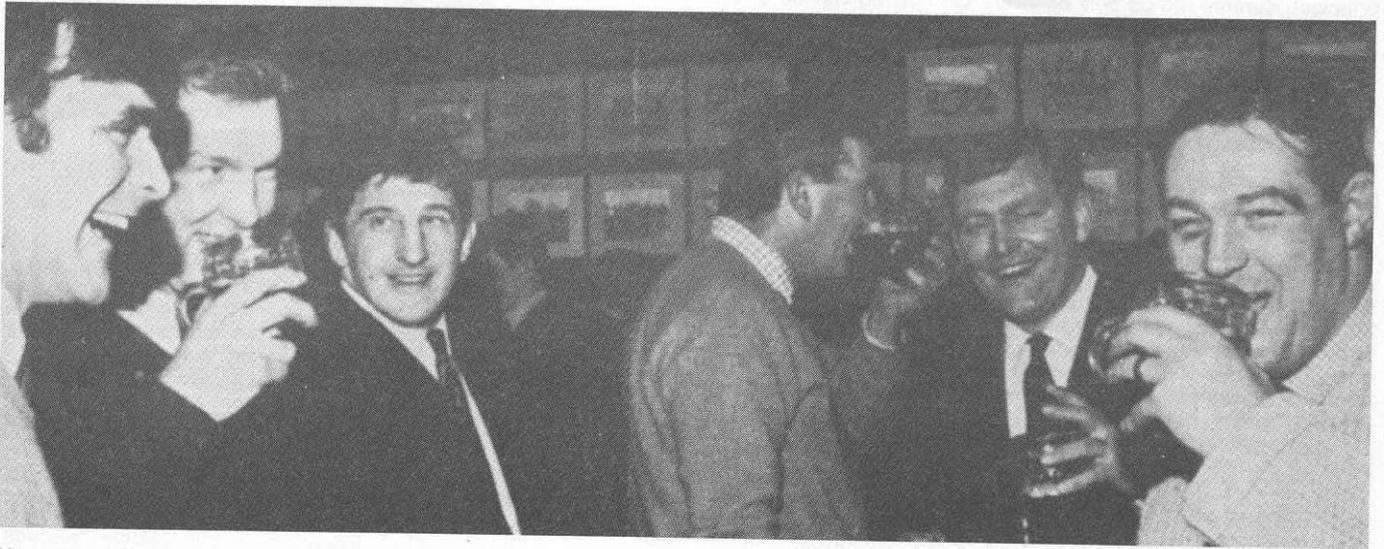
REVISTA

(São 40 Escudos por cada exemplar do n.º 1 ao n.º 8; 50 Escudos do n.º 9 ao n.º 16; 60 Escudos do 17 ao 21; e 70 Escudos do 22 em diante)

Pedidos para:
Rugby-Revista
Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.
1000 LISBOA

O N.º 24 publica-se em Outubro

Rugby faz parte das tradições britânicas



Uma tradição em que o rugby é imbatível: o chamado «terceiro tempo». Nas Ilhas Britânicas ele constitui, no entanto, mais que simples espaço de convívio, pois é das receitas do bar que a maioria dos clubes vive

PEDRO SOUSA RIBEIRO

O Rugby é um dos desportos de maior implantação nas Ilhas Britânicas e faz naturalmente parte integrante das tradições em que os povos daquelas paragens são tão pródigos. E, sendo eles intrinsecamente conservadores nas atitudes, tão lentos nas alterações ao seu «modus vivendi», não é de admirar que isso nele tenha reflexos.

Daí que a estrutura organizativa da modalidade se mantenha mais ou menos inalterada há longas décadas.

Como é sabido, o Rugby teve as suas origens nos colégios secundários e universitários ingleses e é aí, ainda, que tem um dos seus pontos de apoio mais fortes. O mesmo acontece, aliás, na Irlanda e na Escócia. Apenas em Gales a prática do jogo se alargou a todas as camadas da população, constituindo, sem dúvida o desporto nacional.

Na Inglaterra, se bem que, com o decorrer dos tempos, a sua prática se tenha estendido a outros sectores, o Rugby continua a ser uma actividade desportiva das camadas populacionais de maiores recursos. É bom, no entanto, frisar que a práti-

ca desportiva nas Ilhas Britânicas é um hábito de toda a população e faz parte integrante do seu modo de vida. Um não praticante desportivo é excepção, encara da até, por vezes, com certa reserva.

Cabe aqui, num breve parentesis, citar um exemplo significativo, que me foi dado a conhecer recentemente. Quando visitava uma unidade fabril que trabalha normalmente cinco dias, mas que por vezes, para acompanhar «picos» de vendas, necessita laborar no fim de semana, o director fabril dizia-me ser extraordinariamente difícil encontrar operários dispostos a trabalhar ao sábado. Isto porque aquele é o dia do desporto. Ao domingo já é mais simples.



Twickenham é mais que o local onde se disputam partidas de rugby: com todo o seu misticismo é a «catedral» da modalidade

			1st XV		G R O U P D	POINTS		R E S U L T
DATE	Kick Off		F	A				
SEPT	5th 1.00 pm	CLUB SEVENS						
	11th	TRIALS AT SCHOOL						
	18th 3.00 pm	WIMBLEDONIANS	A					
	25th 3.00 pm	OLD COLFEIANS	H					
OCT	2nd 3.00 pm	LLOYDS BANK	H					
	9th 3.00 pm	MET POLICE 4th DIST	A					
	16th 3.00 pm	OLD JUDDIANS	A					
	23rd 3.00 pm	O. MIDWHITGIFTIANS	H					
	30th 3.00 pm	PARKHOUSE (1st)	A					
NOV	6th 2.45 pm	THAMES POLY	A					
	13th 2.45 pm	OLD OLAVIANS	H					
	20th 2.45 pm	SHIRLEY WANDERERS	H					
	27th 2.45 pm	ERITH	A					
DEC	4th 2.30 pm	BURGESS HILL	A					
	11th 2.30 pm	Two Old Boys teams will be fielded against Eltham College						
	18th 2.30 pm	OLD DUNSTONIANS	A					
	25th	CHRISTMAS						
JAN	1st 2.30 pm	MEDWAY	H					
	8th 2.30 pm	MIDLAND BANK	A					
	15th 10.30 am	O. WANDSWORTHIANS	A					
	22nd 2.30 pm	O. SHOOTERSHILLIANS	H					
	29th 2.30 pm	CRANBROOK	A					
FEB	5th 2.45 pm	OLD GRAVESENDIANS	H					
	12th 2.45 pm	OLD BLUES	H					
	19th 2.45 pm	OLD CATERHAMIANs	A					
	26th 2.45 pm	TUNBRIDGE WELLS	H					
MAR	5th 10.30 am	CITIZENS	H					
	12th 3.00 pm	BANK OF ENGLAND	A					
	19th 3.00 pm	BEC. OLD BOYS	A					
	26th 3.00 pm	OLD CROYDONIANS	A					
APR	2nd	EASTER TOUR						
	9th 3.00 pm	OLD BECCHEMIANS	H					
			CAPTAIN ANDREW DIXON 27 DORSET ROAD MOTTINGHAM SE9 (41) 01-851 4089					

Um exemplo de calendário de um clube inglês. Com antecedência, tudo planeado, de Setembro a Maio

ESCOLA CONTINUA A SER A BASE DO «EDIFÍCIO»

A aprendizagem e o contacto com o jogo continua a ser feito, fundamentalmente, a nível da Escola e muitos são os estabelecimentos de ensino que têm, na sua actividade curricular, o Rugby como desporto principal, durante um ou dois períodos. O terceiro é destinado aos desportos de Verão: o Cricket (o verdadeiro desporto nacional inglês), o Ténis e o Atletismo.

O fenómeno «mini-rugby», bem recente, apareceu como complemento, a nível de clube, à aprendizagem feita na escola, e muitos são os clubes que têm secções bem organizadas (em próximo artigo trataremos esta questão com maior profundidade).

Os clubes ingleses são normalmente «da terra», e, nas grandes cidades, «de bairro» ou de uma área determinada. Há também as colectividades de antigos alunos de determinadas escolas (os chamados «Old Boys») ou ainda outros que agrupam funcionários de grandes empresas (os bancos, por exemplo).

Muitos deles dispõem de instalações próprias, e outros utilizam as municipais.

«CLUB HOUSE»: A BASE DE TODA A ESTRUTURA

Mas de quem quer que seja o terreno onde se joga, há uma coisa que todos os clubes têm e de que são proprietários: a «Club House».

Sem ela não há clube, pois constitui para lá do ponto de encontro, a principal fonte de receita. A «Club House» faz parte integrante da vida da colectividade, e é ali que se passa o chamado terceiro tempo, para muitos tão ou mais importante que os dois que o antecederam.

Para se ser sócio de um clube em Inglaterra paga-se uma quota anual, que oscila entre as cinco e as dez libras (750\$00 a 1500\$00) para os praticantes e duas a três vezes essa quantia para os não-praticantes.

Juntamente com os «match-fees» — de que falaremos adiante — as receitas do bar, festas e jantares ou outras actividades sociais, constituem os fundos que os clubes têm para cobrir as suas despesas.

O número de equipas que cada clube apresenta é geralmente o dobro do número de terrenos de jogo de que dispõe, já que, em cada sábado, metade das equipas joga «fora» e a outra metade em «casa».

Adiante-se que os jogos são sempre ao sábado e que o calendário da época é estabelecido com enorme antecedência (dois a três anos, por vezes) e pouco varia de época para época.

Quanto muito a alteração é de um ou dois jogos, sabendo-se perfeitamente que no sábado números tantos da época, os clubes A e B se defrontam. E isso acontece ano após ano, apenas mudando de local. Num ano a 1.^a, 3.^a e 5.^a equipa do clube A jogam em «casa», e a 2.^a e 4.^a jogam «fora». No ano seguinte a situação inverte-se. Todos estes jogos, refira-se têm carácter amistoso (não contam para qualquer prova ou torneio) mas isso não significa que não sejam altamente competitivos.

ESPÍRITO DE COMPETIÇÃO BEM ENRAIZADO

Na realidade, os ingleses têm um espírito de competição bem enraizado no seu

íntimo, que é inclusivamente desenvolvido desde os bancos da escola.

Entregam-se, por isso, ao jogo com uma determinação total, tentando conseguir sempre o melhor resultado possível. Os objectivos podem ser diversos: manter a invencibilidade durante a época; desforçar-se de uma derrota do ano anterior; ser a equipa de clube com melhores resultados; alcançar a melhor posição possível nas chamadas «Merit Tables»; marcar mais um ensaio que no jogo do ano anterior, etc., etc..

Competição propriamente dita e a nível nacional apenas se disputa, em Inglaterra, a «John Player Cup», prova por eliminatórias, em que participam 57 equipas.

Os chamados «senior» clubes apenas entram na terceira eliminatória, disputando-se os jogos sempre aos sábados e em dias previamente fixados.

A nível regional realizam-se as Taças de Condado, também disputadas a eliminar e em que participam todos os clubes dessa região.

Há aqui, no entanto, uma particularidade: os jogos dessas competições regionais são disputados ao domingo, o que implica para cada equipa dois jogos no fim de semana: um, o correspondente ao seu calendário anual; e o outro, da Taça do Condado respectivo.

Outra competição tradicional, mas não a nível de clubes, é o campeonato de Condados (entre seleções).

Adiante-se, a propósito, que nos dias em que se realizam jogos dessa prova, os clubes mantêm os seus compromissos, tenham ou não jogadores incluídos na equipa regional. Há casos de jogadores que declinam os convites para actuar pelo Condado, preferindo jogar pelo seu clube. Isto sucede fundamentalmente na região do «Midlands» onde a tradição do «County Championship» não é tão forte como no Norte, na zona de Londres ou no Sudoeste.

AS «TRADIÇÕES» VÃO ATÉ AO CAMPO

Nos jogos cumprem-se determinadas tradições, até certo ponto curiosas. Por exemplo, a bola é sempre fornecida pelo clube da casa e normalmente entregue ao árbitro antes do jogo começar; ao intervalo são distribuídos gomos de laranja às duas equipas, criteriosamente cortados e colocados em dois pratos; no final os jogadores ao cumprimentar-se dizem invariavelmente «good game» uns aos outros (mes-

mo que ele não o tenha sido) e agradecem ao árbitro a sua participação (mesmo que a sua actuação tenha sido um desastre, o que por vezes acontece — assim como há maus jogadores em Inglaterra também há maus árbitros...)

Após o jogo em muitos «Club Houses» os balneários têm pequenas piscinas, onde se toma banho de imersão colectivo.

Aliás, não há nunca chuveiros separados, juntando-se sempre as equipas no banho pós-jogo, quer seja chuveiro ou imersão.

«TERCEIRO TEMPO» EQUILIBRA FINANÇAS

Começa, depois, o «terceiro tempo», caracterizado por grandes ingestões de cerveja e pelo serviço de uma pequena refeição servida por quem recebe.

Dentro do conservadorismo inglês essa refeição pouco varia: salsichas, empadão, empadas com feijões, purá ou batatas fritas são os pratos fortes habituais.

Perguntar-se-á como é que isto se paga, como é suportada a despesa?

No bar das «Club House» vê-se sempre, após os jogos o «secretário» de cada equipa com uma lista onde regista a disponibilidade dos jogadores para a partida do sábado seguinte e faz a cobrança do chamado «match-fee».

Esse «match-fee», que varia entre duas e três libras e meia é cobrado em todos os jogos, quer em «casa» quer «fora» e destina-se a suportar as despesas das refeições oferecidas à equipa adversária e ao árbitro. E paga, também, a cerveja que, em grandes jarros, ou mesmo em regadores, os «capitães» de equipa distribuem pelos seus companheiros, assim como a actividade do clube. Apenas nalguns clubes em que os espectadores, pelo seu número, contribuem fortemente para a receita do bar, o «match-fee» não é cobrado aos jogadores de primeiro plano.

Acrescente-se que o serviço de cozinha é normalmente garantido pelas mulheres, namoradas ou amigas dos jogadores, em regime de rotação, enquanto estes estão de serviço a servir as bebidas.

O bar da «Club House» é sempre, após os jogos, um local barulhento, cheio a transbordar, cheirando a cerveja, sentindo-se um ambiente amistoso, onde toda a gente comunga a causa comum: o gosto pelo jogo.

E isto é, na Inglaterra, um ponto fundamental da força, da vitalidade e da expansão que o Rugby tem.



A Club House não alberga apenas o bar. Toda a vida do clube (passado, presente e futuro) lá está e lá se pensa



O R. L. Seldon's foi a primeira equipa britânica a deslocar-se à Austrália e N. Zelândia, em 1888

Concluimos, neste número, a breve abordagem à história do rugby que iniciámos no n.º 18 e prosseguimos no 20. Como então se escreveu, este trabalho procurou ser, somente, ponto de partida para um aprofundamento futuro do tema. No fundamental, tratou-se de tocar, apenas e só, os pontos mais importantes percorridos pelo rugby desde as suas remotas origens até aos nossos dias.

Não se pretendeu fazer História, repete-se, mas, antes, focar um trajecto, citando os seus pontos altos, de modo a que os mais jovens fiquem com uma ideia de como nasceu, se implantou e cresceu a modalidade que praticam, rica na sua história e nas suas «histórias».

Rugby: uma história com 160 anos (III)

O jogo estendeu-se a mais de 100 países

J. FRAGOSO MENDES

Em 27 de Março do ano do nascimento da «Rugby Football Union» (1871) disputou-se o primeiro encontro internacional da modalidade. O acontecimento teve lugar em Edinburgo, no campo de jogos da sua Universidade — o «Reaburn» — defrontando-se as selecções da Escócia e da Inglaterra.

Em 1873 fundou-se a federação escocesa, seguindo-se-lhe, em 1874, a da Irlanda e a do País de Gales em 1880.

Sensivelmente a partir dessa altura, os núcleos de residentes britânicos, especialmente ingleses, espalhados pelas mais longínquas paragens do globo, e principalmente os militares em serviço nas colónias sob domínio inglês, proporcionaram o conhecimento e rápido desenvolvimento do jogo por toda a parte.

No seu caso particular, a Europa continental tomou contacto com o novo desporto por influência dos alunos franceses e alemães das universidades de Oxford e Cambridge.

Assim, em França e na Alemanha, em 1872, formaram-se clubes no Havre e em Heidelberg.

Mas foi fundamentalmente, em França que a modalidade tomou rapidamente grande incremento. O Havre Athletic Club cedo se viu secundado, primeiro pelo famosíssimo Racing Club de France e, depois, pelo Stade Français, clubes estes que impulsionaram extraordinariamente a prática do rugby.

Pela província começaram, sem dúvida mercê da acção dos citados clubes parisienses, a proliferar equipas praticantes do novo desporto, casos do Stade Bordelais, Stade O.E. de Toulouse e F. C. Lyon. Para se ter uma ideia da aceitação do rugby em França, basta atentar que, em 1982, havia já 20 clubes a praticar a modalidade e que, em 1906, esse número havia subido a 140 e a cerca de dois mil praticantes.

«BOARD» FUNDADA EM 1980

Em 1980 fundou-se a «International Rugby Football Board», organização que tem por funções principais legislar sobre o jogo e decidir sobre os seus principais problemas. Foram seus fundadores a Inglaterra (que ficou com seis lugares) e a Escócia, Irlanda e País de Gales (dois cada). Mais tarde a IB abriu-se a alguns países dos «domínios» britânicos, casos da Austrália, África do Sul e Nova Zelândia.



Em 1874 o jogo já chegara ao Japão. A gravura documenta uma partida disputada naquele ano, na colónia britânica de Yokohama

Durante anos e anos estes sete decidiram, sobre tudo que diz respeito ao rugby. E em boa verdade, pese embora certa abertura em relação à França — somente admitida como membro de pleno direito em 1978 — a IB continua a pôr e a dispôr da modalidade sem ouvir qualquer dos restantes cerca de 100 países onde o jogo se pratica. A não existência, de resto, de uma verdadeira federação internacional (que a IB não é) poderá apontar-se como um dos principais motivos de certa «prisão», em termos de divulgação do jogo.

Mesmo assim, apesar de todos os entraves impostos pelos britânicos, o rugby definitivamente lançado foi conquistando adeptos por todo o lado.

A diminuição do número de jogadores de 20 para 15, uma gradual melhoria de ordem técnica-táctica, foram tornando a modalidade no desporto espectacular e mobilizador que é hoje.

A federação neo-zelandeza constituiu-se em 1892, e a francesa em 1920, substituindo uma associação anterior não exclusivamente do rugby.

Saliente-se que os contactos franco-britânicos se iniciaram no princípio do século, emparceirando a FFR com as «Unions» a partir de 1910, ano em que, devido a esses jogos regulares se iniciou o Torneio das Cinco Nações — antes, nessa prova, que continua a não ser oficial, somente participavam a Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales.

Esses contactos mantiveram-se até 1931. Em Janeiro desse ano surgiram alguns problemas no seio da FFR, o que provocou grave crise.

Com pretexto na anarquia reinante do

rugby francês, e acusando-o de profissionalismo — o que até nem deixava de ser verdade — as «Unions» cortaram todas as suas relações com a França.

A «excomunhão» estendeu-se também aos restantes países de origem britânica, ficando o rugby francês isolado.

O «NASCIMENTO» DA FIRA

Foi para sair desse isolamento que, por iniciativa francesa, nasceu em 1934, a Federação Internacional de Rugby Amateur (FIRA), organização de que Portugal faz parte, tendo sido membro fundador.

Os franceses acabaram, após a Segunda Guerra, por regressar ao convívio internacional de alto nível sem que a FIRA tenha conseguido ser elemento aglutinador e motor de desenvolvimento da modalidade. Pelo menos ficou aquém das expectativas iniciais.

A FIRA, agora já olhada de maneira menos desconfiada pelos britânicos, tem desempenhado, no entanto, um papel importante. O torneio que promove todos os anos tem revelado países potencialmente próximos dos «grandes». O caso da Roménia é exemplo flagrante.

Poderá adiantar-se que nos dias de hoje o rugby se pratica nos cinco continentes por mais de uma centena de países. Dentre este número, e para lá dos oito da IB e dos romenos, a Argentina, o Japão, os Estados Unidos, o Canadá, o Zimbabwe, as Ilhas Fiji, a Coreia, a URSS e a Itália, por exemplo, podem apontar-se como potências de «segunda linha», com possibilidades, principalmente os primeiros, de se baterem praticamente de igual para igual com os maiores da modalidade.

Duas cartas da FPR

«Iniciados: Seleccção improvisada em apenas três semanas»

Reportando-se ao artigo do nosso colaborador Francisco Mesquita, publicado no n.º 21 de «Rugby-Revista», sob o título «Iniciados: Seleccção improvisada em apenas três semanas», recebemos da FPR, assinada pelo seu presidente da Direcção a carta seguinte que transcrevemos na íntegra:

«Estranhámos o conteúdo do artigo o qual não gostaríamos de atribuir, nem a má-fé nem a ignorância, mas a um sentimento, por vezes assumido, de defender-se, atacando.

É isto pelas razões que passamos a referir:
1. Como é bem do seu conhecimento, a organização do Rugby Juvenil — neste caso Iniciado entenda-se — tem tido sede na D.G.D., Plano de Desenvolvimento e, somente em 15 de Março do corrente ano nos foi comunicada a transferência dessa responsabilidade para a F.P.R., de resto ainda nem sequer concretizada.

2. Igualmente, e face ao bom nível de comportamento das Seleccções de Iniciados nos últimos anos — e no qual V.Ex.ª como técnico teve essencial participação e responsabilidade, tivemos a oportunidade de lhe reiterar, pessoalmente, em Dezembro de 1982 e depois

em Janeiro de 1983, quanto interessaria, ao Rugby Português, a sua manutenção no cargo, o que também se prendia com uma necessária continuidade a um bom trabalho já desenvolvido e em curso.

3. Em ambas as ocasiões V.Ex.ª não optou por uma posição concreta e final e mesmo na última delas acordou-se que iria pensar no assunto e dar resposta posterior, tendo-lhe sido referido a urgência de uma tomada de posição face ao programa previsto.

4. Posteriormente V.Ex.ª informou, não o signatário, mas o Director Técnico Nacional da sua 'indisponibilidade' para o cargo.

5. Imediatamente foram, pelo D.T.N., contactadas várias individualidades alternativas, a saber Professores Mário Cília, José António Goulão, Luis Claro e Dr. Vasco Lynce.

Face à recusa de todos — alguns dos citados após algumas hesitações o que mais prolongou o processo — optou o D.T.N. então por convidar o coordenador de Rugby na DGD Professor Delfim Barreira que não se eximiu a tal responsabilidade. Queremos deixar bem claro que pensamos que a Se-

lecção Nacional de Iniciados está muito bem entregue aos cuidados do Professor Delfim Barreira, que tudo fez para actuar eficientemente dentro do pouco tempo de que dispôs, gostaríamos de, talvez correndo o risco de nos repetirmos explanar as razões que presidiram à nossa intenção de manter V.Ex.ª no cargo:

1. Devido ao bom trabalho desenvolvido ao qual, logicamente, haveria que dar sequência.

2. Por pensarmos que talvez não fosse conveniente para V.Ex.ª desligar-se de uma responsabilidade assumida há 3/4 anos precisamente numa altura em que se tratava de receber a selecção regional Francesa e não de visitar a mesma selecção, em França.

3. Por pensarmos que V.Ex.ª talvez quisesse continuar a justificar a remuneração que auferia através da D.G.D. como monitor de Rugby para a região de Lisboa — verba que ascende a 18 contos por mês, 14 meses por ano e que incide, naturalmente, sobre o custo global, para o País, da modalidade Rugby — o que, face às novas circunstâncias, resultantes da sua tomada de posição, talvez lhe seja problemático fazer.»

«Algumas reflexões sobre uma situação pouco transparente»

A propósito do artigo de autoria do nosso colaborador Luis Feist publicado no n.º 21 sob o título «Algumas reflexões sobre uma situação pouco transparente» recebeu o director de «Rugby-Revista» a carta seguinte, subscrita pela Direcção da FPR:

«Conheço V. Ex.ª as atribuições e competência da Direcção da Federação Portuguesa de Rugby tal como vêm expressas no estatuto deste organismo. Não se contam, entre elas, pelo menos clara e directamente, o dever de contestar toda e qualquer acusação que lhe é formulada.

Se calar é consentir, não é menos verdade que certas acusações concedem o ensejo de esclarecer publicamente algumas questões e até (passe a imodéstia ...) exercer uma vez ou outra, uma pequena acção didáctica.

Tudo isto vem a propósito de um artigo-catalinária da autoria de Luis Feist, inserido no número de Abril da R.R. sob o título «Algumas reflexões sobre uma situação pouco transparente».

Devemos dizer que antes de nos dirigirmos a V. Ex.ª uma dúvida assaltou-nos o espírito. Valeria a pena? É que ele, o Luis Feist («numa» de intolerância e infalibilidade que não lhe conhecíamos e lhe é imprópria) afirma, antecipando-se, que «... qualquer resposta a haver será muito pouco convincente». Mas enfim, porque também entre os membros desta Direcção há amigos do Luis Feist — amigos sinceros e de longa data — e porque o comentário se destina a uma audiência que os inclui mas que ultrapassa, aqui estamos pedindo a V. Ex.ª que insira estas linhas no próximo número da R.R.

Vejamos então ponto por ponto.

1 — Apresentação de contas do exercício de 1981-1982

A questão levantada pela apresentação (ou não) de contas do exercício em causa, e se o foi respeitando ou não o prazo fixado para o efeito, é objecto de litígio cuja solução repousa, de momento, nas mãos da Comissão de Conflitos. (o Luis Feist deve saber isso).

A Direcção da F.P.R. levantou, por sua vez, junto da mesma comissão a questão da perda de mandatos de membros da Assembleia-Delegada — por excesso de faltas — e da violação estatutária praticada por um dos seus membros, o que, num como noutro caso tem sanções previstas no Estatuto.

O que não parece lícito é ignorar o segundo processo e julgar o primeiro, tomando ambas atitudes sem conhecer a substância de qualquer delas.

Sugerimos que se deixe a Comissão de Conflitos exercer as suas atribuições com independência e serenamente. Sem pressões. Como convém a um órgão jurisdicional.

2 — A austeridade e as digressões internacionais

Linearmente e para contrapor aos alegados «... 30% de excursionistas ...» apresenta-se um quadro referente a digressões de 1980 a 1983, usando também expressões percentuais:

Newcastle (1980) — (jogadores, 81%; apoio técnico, 10%; e dirigentes da FPR, 9%); Madrid (1981) — (74%, 16% e 10%); Suécia-Dinamarca (1981) —



(78%, 13% e 9%); Inglaterra (1982) — (82%, 14% e 4%); Holanda (1982) — (78%, 16% e 6%); Polónia (1982) — (81%, 16% e 3%); Espanha (1983) — (84%, 12% e 4%); Holanda (1983) — (81%, 15% e 4%).

3 — Deslocação de um árbitro com as seleções

A Direcção da FPR já teve ocasião de dizer à CNAR que lhe parece pouco rentável fazer deslocar um árbitro se a única intervenção deste for desempenhar funções de juiz de linha.

Não nos recordamos de ter recebido da CNAR proposta de rentabilizar a deslocação.

No que respeita a eventuais funções alternativas ou sucedâneas das de juiz de linha durante ou por ocasião do jogo cremos que elas não são tão evidentes ou imediatas como resulta de «Algumas reflexões...». Com efeito, dizem as disposições regulamentares aplicáveis, concretamente:

«En cas d'absence de l'arbitre officiellement désigné, priorité sera d'abord accordée à un arbitre qualifié international présent au Match et ensuite à l'arbitre national de la Fédération qui reçoit et devra obligatoirement être choisi parmi les premiers, puisque déjà appelé à assumer précédemment les fonctions de juge de Touche.

Si deux arbitres internationaux sont en concurrence pour un remplacement priorité sera accordée à l'arbitre de la Fédération qui reçoit.»

Resta acrescentar que a pessoa que desempenhou funções de juiz de linha no Espanha-Portugal foi considerada pelo árbitro como satisfazendo os requisitos fixados pelo árbitro. E estava em Madrid tendo pago do seu bolso viagem e estadia.

4 — A dívida à Agência de Viagens

Toda a gente sabe que a FPR ainda não conseguiu pagar a maior parte da dívida contraída perante uma Agência de Viagens. Agora, o que não nos sabemos é que havia sido «apresentada queixa».

De resto esta Direcção tem a Agência informada de

que continua perfeita e naturalmente disponível para estudar o mais rápido — desde que realisticamente viável — caminho para atingir a resolução do assunto.

Como foi ...possível chegar a este ponto ...? Já o dissemos, mas insistimos que as causas fundamentais foram:

— tardia concessão de verbas (insuficientes) pela Administração Pública;

— não concretização de promessas de concessão de subsídios extraordinários, feitas quer pelo Governo quer pela Administração Pública.

5 — Atraso no pagamento a árbitros

Também é já consabido que a cadência de pagamentos a árbitros ou outros depende do fluxo de remessas de fundos provenientes da D.G.D.

Nestas circunstâncias as vítimas do sistema são os árbitros.

Mas não só.

De resto a CNAR soube e sabe isto muito bem.

6 — A não divulgação de um comunicado da CNAR

Ainda o autor de «Algumas reflexões...» desempenhava funções na CNAR foi esta questão objecto de análise conjunta entre a Comissão e a Direcção da FPR.

Esclarecido então posições e intuitos foi decidido considerar o assunto encerrado.

Assim continuamos a considerar.

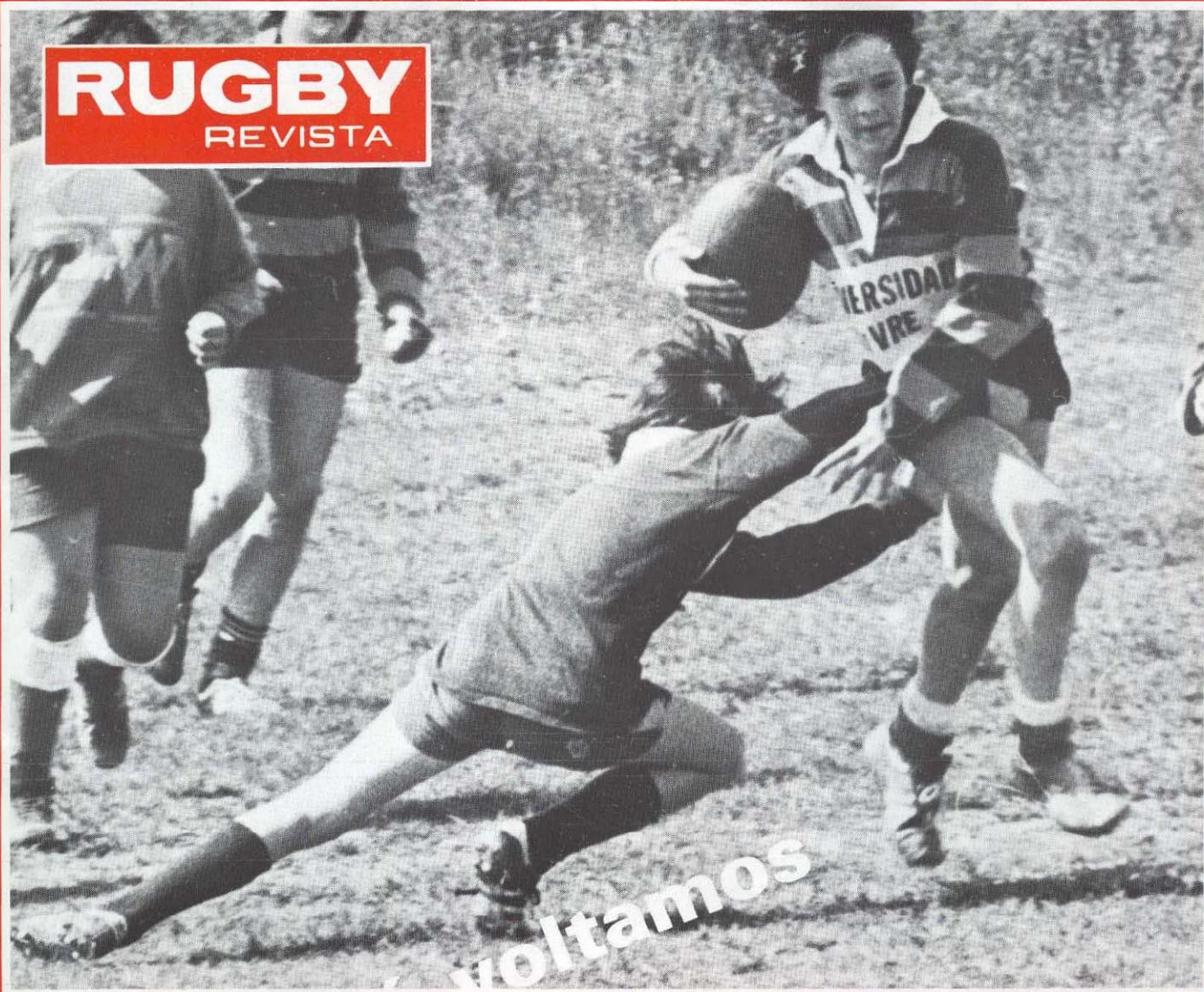
Não comentamos os dois exemplos que são apresentados na segunda parte do artigo em causa. Pela simples leitura do texto se vê que a Direcção da FPR não pode ser associada responsabilidade por aqueles eventos que constituíram, de facto, situações perfeitamente lamentáveis.

Desculpe, Senhor Director, o tempo e o espaço que lhe tomámos.

Que ao menos ou de alguma forma tenha contribuído para uma maior aproximação da verdade.»

RUGBY

REVISTA



Agora, só voltamos em Outubro

Com a publicação deste número, «Rugby-Revista» encerra a sua «época» de 82/83. Como habitualmente, acompanhamos o Rugby português no seu muito longo «defeso», isto depois de o termos acompanhado, a par e passo, durante toda a época — reconhecemos que, algumas vezes, o fizemos mais a «passo» que a «par». Mas foi o possível.

Em princípio, em Outubro contamos estar de volta para retomar o contacto com o nosso Jogo e levarmos a todos os leitores de «R-R» aquilo que se passou neste lapso de tempo (lá fora, lá fora, que, por cá, se tudo correr bem, vamos estar todos muito quietinhos, pelo menos até ao início de Outubro).

Estes quatro meses e tal de paragem oficial (na prática são mais dois, pelo menos) deverão, de facto, bater todos os «records». Mas como temos de viver com aquilo que temos, esperemos pacientemente pelo Festival de 5 de Outubro — se houver — e, então, nessa altura, «Rugby-Revista» regressará.

Até lá um abraço e boas férias.

GOTA DE BARBEAR **LOGAN**

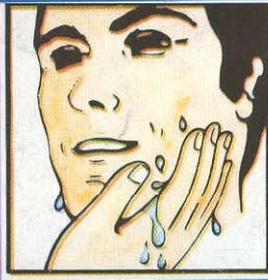
a ciência duma barba rápida e bem feita

A nova gota de barbear Logan é, por si própria rápida,
prática e eficaz.

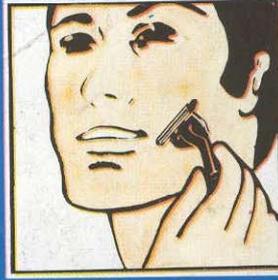
MAS HÁ QUE SABER UTILIZÁ-LA!



Espalhe uniformemente uma gota de Logan sobre o fio da lâmina *ainda seca*. Cuidado! Não pode molhar a lâmina antes de pôr a gota.



Molhe bem a cara com água. Não aplique espuma ou creme.



Barbeie-se, mantendo a cara molhada.



Sempre que necessário, enxague a máquina, sem que precise de pôr mais Logan.

Seguindo estas instruções *à risca*, verá que Logan substitui, com vantagem, qualquer creme, espuma ou outro produto para barbear.

LOGAN
uma gota, uma barba

